

## AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL N° 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail [recursoscontinuos@dirbi.ufu.br](mailto:recursoscontinuos@dirbi.ufu.br).

Universidade Federal de Uberlândia  
Instituto de História

"A Vila Operária, Um Lugar da Cidade":  
Memórias e Experiências de Trabalhadores  
Ferroviários. Araguari MG

Luciana Lemos Pereira da Silva

363. S.G.(c)  
T.C.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA**  
**INSTITUTO DE HISTÓRIA**

**“A VILA OPERÁRIA, UM LUGAR DA CIDADE”: MEMÓRIAS E  
EXPERIÊNCIAS DE TRABALHADORES FERROVIÁRIOS.  
ARAGUARI.MG.**

**LUCIANA LEMOS PEREIRA DA SILVA**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
Centro de Documentação e Pesquisa em  
História - CDHIS  
Campus Stª Mônica - Bloco 1Q (Antigo Mineirão)  
Av. Universitária S/Nº  
Tel. 38400-902 - Uberlândia - M. G. - Brasil

**LUCIANA LEMOS PEREIRA DA SILVA**

**“A VILA OPERÁRIA, UM LUGAR DA CIDADE”: MEMÓRIAS E  
EXPERIÊNCIAS DE TRABALHADORES FERROVIÁRIOS.  
ARAGUARI.MG.**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência parcial para obtenção dos títulos de Bacharel e Licenciado em História, sob a orientação da Prof<sup>a</sup> Dra Célia Rocha Calvo.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA**

**JANEIRO DE 2008**

**LUCIANA LEMOS PEREIRA DA SILVA**

**“A VILA OPERÁRIA, UM LUGAR DA CIDADE”: MEMÓRIAS E  
EXPERIÊNCIAS DE TRABALHADORES FERROVIÁRIOS.  
ARAGUARI.MG.**

**BANCA EXAMINADORA**

---

**PROF<sup>a</sup>. DRA<sup>a</sup>. CÉLIA ROCHA CALVO**  
(orientadora)

---

**MARIA GISELE PERES - mestranda em História PPHG-UFU**

---

**PAULO CÉSAR INÁCIO - doutorando em História PPHG-UFU**

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho com muito carinho;

Aos meus pais, Irineu Pereira da Silva e a minha mãe Joanna Luiza da Silva, que lutaram e deram-me forças em todos os momentos para que eu chegasse até aqui.

Aos meus irmãos, familiares e amigos que torceram pela conclusão desse trabalho, expressando palavras amigas e animadoras.

Aos entrevistados que gentilmente cederam seu tempo e depoimentos, sem os quais este trabalho não seria possível.

## Agradecimentos

Em primeiro lugar agradeço a Jeová Deus, que é a pessoa que mais nos ama e que nos dá forças para enfrentarmos momentos difíceis na vida.

Aos meus pais, Irineu e Joanna, que me criaram com amor, carinho e paciência e aos quais serei eternamente grata.

A todos meus parentes, amigos e colegas que de alguma forma contribuíram para a realização deste trabalho.

A Prof.<sup>a</sup> Dra.<sup>a</sup> Célia Rocha Calvo pela orientação competente, pela paciência e palavras animadoras, que fizeram com que eu desse continuidade a pesquisa nos momentos de desânimo.

Às pessoas que colaboraram com informações, entrevistas e esclarecimentos essenciais para a feitura deste trabalho.

## Resumo

Este trabalho aborda a presença da ferrovia no imaginário de trabalhadores ferroviários aposentados, bem como de mulheres esposas desses trabalhadores. Estes são moradores, na sua grande maioria, da antiga vila operária da ferrovia em Araguari.

Partindo desse pressuposto, em um primeiro momento, busquei interpretar os significados construídos sobre as vivências desses sujeitos sociais na vila, explicitando os diferentes sentidos que compõem a memória das mulheres esposas em detrimento daqueles que compõem a memória dos ferroviários aposentados.

Em um segundo momento, procuro refletir os significados e as vivências desses trabalhadores aliado à análise do cotidiano de trabalho dos mesmos.

Palavra-Chave: memória, trabalhadores ferroviários, mulheres-esposa, Araguari.



## SUMÁRIO

Considerações iniciais.....	8
<b>Capítulo I</b> .....	18
Memórias e vivências na Vila Operária.	
<b>Capítulo II</b> .....	41
Lembranças sobre o trabalho ferroviário.	
Considerações finais.....	58
Fontes.....	60
Bibliografia.....	64

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este trabalho tem como intuito abordar os sentidos e significados constituídos\_ via memória\_ sobre o viver e o morar na vila operária da Estrada de Ferro Goiás, em Araguari, bem como os sentidos e valores construídos sobre o trabalhar na empresa.

Sou moradora desta cidade desde meu nascimento. Moro no bairro Industrial, bem próximo à vila e à antiga estação da Goiás. Araguari é uma cidade que possui, aproximadamente, cento e dez mil habitantes, localizada no Triângulo Mineiro. A História de Araguari tem uma relação direta com a presença da ferrovia no Brasil. Em 1896, a Companhia Mogiana de Estrada de Ferro começa a operar na cidade e, em 1906, também a Companhia Estradas de Ferro Goiás. O encontro dessas duas ferrovias na cidade transformou a cidade num ponto de entroncamento que ligava os estados de Minas Gerais e Goiás a São Paulo e Rio de Janeiro, destacando-a no cenário regional e nacional como um importante centro de movimentação de mercadorias e serviços. A extensão dos trilhos até Anápolis foi retirando, aos poucos, de Araguari, o controle do movimento do tráfego de pessoas e mercadorias. Até que, em 1954, a sede da Estrada de Ferro Goiás foi transferida para Goiânia, em Goiás. Em 1957, a Rede Ferroviária Federal encampou a Estrada de Ferro Goiás e na década de 1970, o prédio da Estação foi desativado.

A idéia de produzir este trabalho surgiu de minhas experiências nesta cidade, e das imagens que guardo na memória, sobre a infância, relacionadas às histórias de viagens de trens, contadas pelos meus pais, em que eles e os meus irmãos mais velhos se aventuraram dias e noites para visitarem meus avós. Essas histórias despertavam em mim o desejo de ter vivido com eles essas experiências.

No início dos anos 1990, a antiga estação da Estrada de Ferro Goiás, hoje restaurada, era apenas um depósito da Prefeitura Municipal. Duas vezes eu fui até lá com meu pai, resolver questões relacionadas ao seu trabalho. A imagem que se tinha era de um lugar totalmente abandonado, depredado, que cheirava a mofo e, além disso, era um recanto de mendigos, marginais, drogados, etc. Havia pedaços de trens espalhados por todo o pátio. Associando as histórias que eu ouvia com o que eu vi, imaginei como seria aquele lugar no passado. Um lugar demarcado pelo movimento de homens de terno e chapéu, mulheres com vestidos longos, chapéus, enfim, imaginei tudo aquilo que eu só conhecia por meio de filmes e novelas.

O fato de eu ter nascido em Araguari, juntamente com as experiências que tive quando criança foram fundamentais para despertar a proposta desta pesquisa. O desejo de conhecer aquele lugar, por meio das memórias daqueles que trabalharam, viveram e ainda moram no espaço denominado Vila Operária.

A proposta é então; trazer o espaço no fazer-se das relações sociais vividas, lembradas e com isso interpretadas pelos trabalhadores aposentados e mulheres esposas, compreendendo esse fazer-se nos enredos que foram tecendo no dialogo comigo, e na maneira como interpretaram as suas vivencias naquelas relações de dominação, subordinação. Considero suas memórias como atos de resistência contra o tempo de esquecimento, mas também como reveladoras de um ‘campo de disputas’, um processo que contribui para pensar as outras histórias.

A proposta desta pesquisa situa-se no campo da Historia Social. Sendo assim, dialoguei com autores que seguem esta linha. Segundo a autora Déa R.Fenelon :

*...a Historia Social acaba lidando com objetos que não são tratados em outras especializações, ou o são apenas secundariamente, como as minorias, a família, os migrantes, a vida cotidiana da classe trabalhadora, a demografia, a mobilidade social, a historia urbana, etc .Isto significa reconhecer sobretudo que os sentimentos e os valores não são “dados*

*imponderáveis” que os historiadores podem seguramente dispensar, com a reflexão de que, uma vez que não são susceptíveis de medida, significam apenas questões de satisfação humana. Ao contrário, representa exatamente valorizar estas reflexões pela importância que assumem na discussão da mudança social...<sup>1</sup>*

A partir desta perspectiva é preciso ressaltar um outro trabalho com o qual eu também dialoguei, de autoria de Célia Rocha Calvo, intitulado trabalho e ferrovia: a experiência de Ser Ferroviário na Companhia Paulista onde, segundo a autora:

*... a implantação das ferrovias representou também um novo sistema de trabalho, caracterizado por um ritmo intenso, exigindo um novo perfil de trabalhador. Esse ritmo, bem como a sua organização, impunham aos trabalhadores, a submissão a longas jornadas de trabalho, horários fixos, novos comportamentos, o que implicava na mudança do modo de viver e trabalhar.<sup>2</sup>*

Priorizar e refletir as narrativas desses diversos sujeitos sociais parte do desejo de compreender as diferentes versões, as versões de conflitos e enfatizar ‘o caráter ativo da memória na construção histórica.’<sup>3</sup> Sendo assim, acredito que:

*...como qualquer experiência humana, a memória é também um campo minado pelas lutas sociais. Um campo de luta política, de verdades que se batem, no qual esforços de ocultação e de clarificação estão presentes na disputa entre sujeitos históricos diversos, produtores de deferentes versões, interpretações, valores e práticas culturais.<sup>4</sup>*

---

<sup>1</sup> FENELON, Déa Ribeiro. **O Historiador e a Cultura Popular: história de classe ou História do povo.** In: Revista História e Perspectivas, nº 6, 1992, p13.

<sup>2</sup> CALVO, Célia Rocha. **Trabalho e Ferrovia: A Experiência de ser Ferroviário na Companhia Paulista: 1890 – 1925.** Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Mimeo, 1994.

<sup>3</sup> Expressão usada por FENELON, Déa Ribeiro, CRUZ, Heloisa Faria, PEIXOTO, Maria do Rosário Cunha. **Introdução\_ Muitas Historias, Outras Memórias.** Editora Olhos d’água, 2004, pp. 6.

<sup>4</sup> FENELON, Déa Ribeiro, CRUZ, Heloisa Faria, PEIXOTO, Maria do Rosário Cunha. **Introdução\_ Muitas Historias, Outras Memórias.** Editora Olhos d’água, 2004, pp. 6.

O vínculo entre a história da cidade de Araguari e a presença da Ferrovia também foi tema do trabalho monográfico de Guimar Cordeiro Andrade Jr, intitulado *Cidade e Patrimônio: o direito a memória e a cidadania cultural*.

Nesta pesquisa o autor aborda a presença da ferrovia no imaginário social da cidade, analisando as políticas de preservação do Patrimônio Histórico e cultural relativas aos bens da Companhia de Estrada de Ferro Goiás, adotadas pela Prefeitura Municipal de Araguari e discutindo as relações de trabalho e vivência dos trabalhadores e o modo como se sentem pertencendo à história da cidade e da ferrovia.

Cordeiro relata que a partir de 2002, a Prefeitura Municipal, em parceria com o Instituto Estadual de Patrimônio Histórico, buscando fomentar a atividade turística na cidade, iniciou o processo de tombamento e restauração de vários bens. O patrimônio ferroviário estava incluído nessa política de preservação. No entanto, ele constatou que somente o aspecto arquitetônico desses bens foram valorizados:

*...a Fundação Aragarina de Cultura adotou uma política de preservação que visava abarcar somente aqueles bens que foram classificados, pela Divisão de Patrimônio Histórico, levando em consideração somente o valor venal dos mesmos, aliados às suas características arquitetônicas, isto é, somente a monumentalidade arquitetônica dos bens foi levada em conta...*<sup>5</sup>

Em seu trabalho, Cordeiro menciona que a expectativa das pessoas que tiveram vínculos de trabalho com a empresa, era a de que suas memórias referentes às relações de trabalho na ferrovia fossem valorizadas, ao passo que, políticos e comerciantes, esperavam uma possibilidade de aumentar seus lucros com o possível desenvolvimento da atividade turística.

---

<sup>5</sup> ANDRADE JUNIOR, Guimar Cordeiro. **Cidade e Patrimônio: o direito à memória e à cidadania cultural**. Araguari/MG-2001. Monografia (bacharelado e licenciatura). Universidade Federal de Uberlândia, 2007.

A expectativa desses ferroviários aposentados não se concretizou porque, segundo o autor:

*Os intelectuais ligados à administração municipal passaram a vincular a memória ferroviária somente ao prédio da Estação criando assim uma história da ferrovia completamente desvinculada dos trabalhadores que nela atuaram. Enfocando e supervalorizando o “majestoso” prédio da Estação e o maquinário contido no mesmo esses intelectuais acabaram por esvaziar de sentido político a memória dos trabalhadores ferroviários.*<sup>6</sup>

Cordeiro constatou que quando os trabalhadores aposentados foram convidados a participarem a seleção que norteou a política de preservação, eles doavam algum objeto para o museu que seria fundado e contavam algumas experiências no trabalho na ferrovia. Mas, somente o que dizia respeito ao prédio da estação era considerado importante, o resto era descartado como uma simples lembrança pessoal. Ao ser questionado sobre os aspectos que os membros da Divisão de Patrimônio Histórico procuravam ressaltar junto aos ferroviários, o aposentado Sr. Paulo Santos relatou que:

*Quando o prédio da Estação ficou pronto eu fui lá ver. O pessoal que fica na portaria me perguntou se eu trabalhei na ferrovia ou se conhecia alguém que tivesse trabalhado lá. Eu falei pra eles que eu era ferroviário e tinha trabalhado no tráfego e na locomoção. Eles me perguntaram se eu podia falar ou doar alguma coisa da ferrovia para ser colocada no museu. Eu disse que tinha alguns objetos em casa e que, se soubesse, responderia as perguntas deles. Eles marcaram dia e hora pra eu ir lá e eu fui; levei duas lanternas de locomotiva à vapor e uma caderneta que a gente usava para anotar as coisas da oficina. Me perguntaram várias coisas sobre as máquinas, ferramentas e sobre o prédio da Estação. Sempre quando eu falava sobre as coisas que aconteciam durante o trabalho, eles voltavam no assunto das máquinas e das funções do prédio. Eles falaram que só as*

---

<sup>6</sup> Ibidem.

*lanternas iam servir para o museu, a caderneta eu podia levar de volta porque fazia parte de recordações pessoais e não tinha relação direta com a Estrada de Ferro.* <sup>7</sup>

Conforme Célia Calvo, a chegada da ferrovia trouxe transformações para todas as cidades ficavam no trajeto percorrido pelos trilhos das ferrovias. Estas transformações, um processo envolvendo gente das mais diversas regiões e nacionalidades, a circulação de mercadorias, além de produtos e serviços que foram criados, concretizaram uma trama de novas relações, modificando o cotidiano das pessoas envolvidas, direta ou indiretamente.

Diante disso, o meu objetivo é valorizar a memória desses trabalhadores que foram deixados à margem do processo de composição da memória da história de Araguari. Nesse sentido, o modo como trabalhadores aposentados, homens e mulheres experimentaram o processo de mudanças, nas suas vivências sociais, me fez procurar compreender como lembram e interpretam os sentidos desse passado, no lugar onde muitos permanecem morando no presente.

Sendo assim, fui procurá-los com o objetivo de conhecê-los um pouco e realizar as entrevistas. A vila Goiás está localizada próximo à antiga Estação da Goiás, nos fundos. Ela marca o início do que é hoje o bairro Goiás, um dos maiores e mais desenvolvidos bairros da cidade. É o bairro com a maior concentração de ferroviários aposentados da cidade. Hoje, esses sujeitos ainda vivem na cidade de Araguari e a maioria deles ainda mora na vila Goiás. Alguns deles podem ser vistos reunidos na Praça dos Ferroviários, jogando damas, cartas ou 'jogando conversa fora'. Outros fazem parte de grupos ligados a Igreja Católica ou Evangélica e ajudam, das mais diversas formas, pessoas necessitadas. A presença deles em Araguari é uma expressão da história da cidade, porque são portadores de memórias sobre as relações sociais vividas ali.

---

<sup>7</sup> Sr Paulo Santos, entrevista realizada por Guimar Cordeiro Jr. em 15/09/2005, Araguari, MG.

Em 2004, fui à vila Goiás e localizei junto aos moradores, os ferroviários aposentados. A partir dos primeiros contatos com estes trabalhadores, tive a oportunidade de conhecer e entrevistar outros que eram indicados por eles. Além das fontes orais, utilizarei fotografias da vila, pois aquele espaço representa as relações de hierarquia que prevalecia entre os trabalhadores e a empresa.

Ao conversar com meus sujeitos, percebi que a maioria chegou na vila, nas décadas de 1960 e 1970. Muitos vieram de outras regiões e moravam na zona rural. O Sr. Valentino Gomide foi entrevistado no ano de 2004. Depois voltei a entrevistá-lo em 2007, juntamente com sua esposa, a Sr<sup>a</sup> Olinda Squissato. Ambos têm 73 anos e são casados há quase 53 anos. Ele realizou diversas funções dentro da empresa como: servente de pedreiro, auxiliar de serviços gerais, artífice de obras e supervisor de obras. Valentino e sua esposa, hoje são membros ativos da Igreja Católica e se dizem muito requisitados pelos vizinhos, pois são reconhecidos pela prontidão em ajudar o próximo.

O Sr. Geraldo Leão foi aluno da primeira turma da Escola Profissional da Ferrovia. Tem 82 anos e aposentou-se como torneiro mecânico. Há alguns anos, ele foi o presidente do que ele mesmo denominou de ‘time de velhos’, isto é, um time formado por ferroviários aposentados para relembrem os campeonatos realizados pela ferrovia. Ele expressou com muito orgulho o fato de ter trabalhado na ferrovia e lamenta pelos ex-colegas de trabalho que não gostam de lembrar daquele tempo.

O Sr. José Campos Filho é conhecido pelos colegas como ‘José Condensa’. Veio de Guaxupé para Araguari com dois anos de idade. Seu pai também foi ferroviário. Entrou na ferrovia em 1952. Sua primeira profissão na empresa foi como servente de pedreiro e depois passou a supervisor auxiliar de eletricista de locomotiva a diesel. Era considerado pelos colegas e diretores como um trabalhador diligente. O Sr. Geraldo Leão, referindo-se a essa qualidade dele, disse que ele pôs na porta de sua sessão a seguinte frase: ‘O trabalho é uma oração, não seja ateu’. Hoje ele ainda vive na vila Goiás com esposa e filhos.



O Sr. Sebastião Cândido Vieira tem quase 70 anos e teve seis filhos. Foi telegrafista da ferrovia e se lembra ainda com exatidão do código Morse, que era com o que ele lidava diariamente no seu trabalho. É uma pessoa muito serena e aceitou com prontidão me dar a entrevista. Entrou na empresa em 1948 e aposentou-se em 1980. Hoje ele é membro de uma Igreja Evangélica da cidade.

O Sr. Alvim Borges tem 81 anos e trabalhou 35 anos na ferrovia como encarregado de reparação de vagões. Hoje ele tem um problema auditivo ocasionado pelo martelo a ar e segundo ele, a empresa não fornecia protetores de ouvido. Hoje em dia, ele pode ser visto andando de bicicleta pelas ruas do bairro Goiás e é conhecido por muitos moradores.

O Sr. Emilio Porto entrou na Estrada de Ferro Goiás em 1945 como aluno da Escola Profissional, passou a oficial mecânico de locomotiva a vapor e mais tarde ingressou como professor da Escola. Ele expressou com emoção o orgulho que sente por ter sido mecânico de locomotiva a vapor. A contragosto de seu pai, que queria que ele fosse barbeiro como ele, prestou o concurso na Escola Profissional e passou, permanecendo lá até se aposentar.

O Sr. Arcênio Paranhos Lopes tem 79 anos e foi aluno da terceira turma formada pela Escola Profissional. Ele não era filho de ferroviário, uma das exigências para ingressar na Escola, mas tirou a maior nota no concurso e assim foi chamado para ingressar. Depois foi convidado para ser professor da mesma. Ele é bastante procurado por estudantes e jornalistas, porque é conhecido na cidade como uma pessoa que tem bastante conhecimento sobre a ferrovia em Araguari e que gosta de falar sobre ela. De fato, eu o entrevistei por duas vezes e pude constatar o carinho que ele sente pela ferrovia. Ele até mencionou que não gosta de ser chamado de 'ex-ferroviário', visto que quem foi ferroviário uma vez, nunca deixa de ser, porque é algo que 'está no sangue'. Ele prefere ser chamado de ferroviário aposentado.

Quando procurei estes sujeitos, a minha intenção era saber sobre a história da Vila Goiás. As primeiras perguntas que fiz foram sobre a formação da vila, quando foi construída, quem construiu, porque foi construída e como era o cotidiano deles na vila. As respostas que eles me davam não eram exatamente o que eu queria ouvir, porque não eram diretamente relacionadas à vila, mas ao trabalho na ferrovia. Os primeiros entrevistados falavam somente das alegrias e frustrações que enfrentaram durante o tempo em que trabalharam na empresa. Devido à minha inexperiência como pesquisadora, interrompia-os e perguntava novamente sobre a vila. Eles me respondiam algo sobre ela e voltavam ao assunto do trabalho na ferrovia. Cheguei a pensar que seria impossível concretizar a pesquisa. Expus essa preocupação para o professor que me orientava na execução do projeto, e ele me alertou que o fato de meus entrevistados não responderem o que eu perguntava tinha um significado que eu deveria descobrir.

Na entrevista com o Sr. Valentino Gomide, ele expressou que os nomes das ruas se relacionavam com os cargos da empresa como, por exemplo, a rua dos Tatus, a rua dos Foguistas, a dos Portadores etc. Ao mencionar as casas, ele diferenciou a casa do diretor das casas dos demais funcionários, enfim, fez uma relação direta com o trabalho, com as relações de hierarquia e poder da empresa. Outros entrevistados também se expressaram sobre as ruas, as diferenças das casas, mas sempre falavam do trabalho na ferrovia. Percebi então que ao perguntar sobre o cotidiano na Vila eles falavam do trabalho, porque passavam grande parte do dia na empresa. Mesmo quando estavam em casa, estavam na empresa, porque a vila ficava praticamente dentro dela. Assim, percebi que não faziam uma distinção entre viver e trabalhar na empresa pelo fato de ficarem vinte e quatro horas por dia envolvidos pelo universo da ferrovia.

Sendo assim, comecei a mudar a minha pergunta. Passei a perguntar o que significava morar na vila. Eles me diziam, de um modo geral, que significava ‘conquista’. Eles falavam com muito orgulho do fato de terem possuído uma casa

que pertencia a Estrada de Ferro Goiás. Além disso, morar na casa da vila operária era um orgulho porque somente o bom funcionário tinha direito a ocupá-las.

As mulheres atribuem significados distintos dos apresentados pelos homens. Dona Olinda fala do sentido de viver naquele espaço relacionando-o à vida em família, ao cuidado com os filhos, às dificuldades financeiras com a família e às relações com a vizinhança, sem perder de vista o trabalho do marido. A família é uma referência constante nas suas narrativas. Ela conta também que grande parte das ‘lutas vencidas’ naquele tempo se deram com a ajuda e a paciência dela, chamando para si o seu papel, o papel de esposa de ferroviário, na história.

Sendo assim, no primeiro capítulo buscarei abordar os sentidos construídos sobre o morar e viver na Vila Operária, mostrando como os homens dão um significado muito mais ligado às relações na empresa, diferenciando-se dos das mulheres, que está relacionado às relações familiares.

Nas entrevistas, constatei que muitos tiveram dificuldades de adaptação com o trabalho na empresa devido à rígida disciplina imposta. A idéia do orgulho de ter trabalhado nela também é comum entre a maioria dos entrevistados. A boa convivência com os colegas, algumas desavenças e casos de desonestidade são mencionados em boa parte dos relatos. Narram também, experiências do tempo em que foram alunos da Escola Profissional da ferrovia.

Sendo assim, no segundo capítulo, abordarei os valores e significados dados, via memória, sobre o trabalho na empresa e a questão da escolarização como forma profissionalizar.

## CAPÍTULO I

### MEMÓRIAS E VIVÊNCIAS NA VILA OPERÁRIA.

Neste capítulo procuro compreender os sentidos de morar e viver na antiga vila operária/ferroviária da Estrada de Ferro Goiás, tanto para os homens trabalhadores aposentados quanto para as mulheres esposas que ainda vivem naquele local.

A vila operária localiza-se na cidade de Araguari, considerada a terceira cidade mais desenvolvida da região do Triângulo Mineiro, com aproximadamente 110 mil habitantes, e situa-se próxima à estação da Goiás, do Conjunto Esplanada e da Praça dos Ferroviários. Para quem não é de Araguari, basta pegar a Avenida Mato Grosso, que é a mesma da rodoviária, e virar à esquerda na Rua dos Portadores. A Avenida Senador Melo Viana, bem conhecida pela intensa atividade comercial, também é uma das avenidas que delimitam aquele espaço. A vila marca o começo do que, hoje, é conhecido como bairro Goiás, um dos maiores e mais desenvolvidos da cidade.

Quando saí pelo bairro para procurar os sujeitos e realizar as entrevistas, perguntei aos moradores do bairro onde poderia encontrar trabalhadores ferroviários aposentados. A maioria das pessoas que eu perguntava, sabia onde morava algum ferroviário, porque é um bairro onde há uma grande concentração deles. Através desta pesquisa com os moradores, cheguei aos meus sujeitos. Encontrei-os na Rua dos Foguistas, na dos Tatus, na dos Limpadores, na dos Portadores, na Rua da Glória, na Rua Alvim Borges, enfim, por todos os cantos do bairro.

Quando encontrei esses sujeitos, a minha intenção era saber sobre a história da Vila, isto é, quem construiu, porque e para quem. Para minha frustração, eles falavam mais sobre o trabalho na ferrovia do que propriamente da vila em si. Devido à minha inexperiência pedir para que me falassem da vila. Depois comecei a

perceber que eles não faziam distinção entre trabalhar na ferrovia e morar na vila. Comecei a entender que era porque era tudo muito próximo, a vila fica praticamente no pátio da ferrovia.

Sendo assim, comecei a indagá-los sobre os significados de permanecerem morando ali e, junto comigo eles foram pensando sobre isso e atribuindo valores àquele lugar, âmbito das suas culturas e experiências sociais. Os homens falam daquele lugar, tendo como referência as relações de trabalho e de poder na empresa e ao seu papel como chefe e provedor da família. As mulheres falam daquele espaço, reportando ao tempo em que cuidavam dos filhos, ao tempo das dificuldades financeiras com a família, ao tempo em que o marido ficava dias, trabalhando fora e ela ficava sozinha cuidando dos filhos. Assim, a família é a referência principal nas narrativas das mulheres.

A vila localiza-se hoje em articulação ao que antes demarcava o espaço da ferrovia. Então, se a ferrovia hoje não representa mais o passado no que tange ao trabalho ferroviário do ir e vir dos trens, do transporte de mercadorias, ela, sem dúvida, representa na memória dos seus trabalhadores aposentados, um passado vinculado aos seus pertencimentos, ao modo como se reconhecem socialmente nas relações da cidade. O lugar deste pertencimento articula-se ao tempo presente e passado, portanto reportar-se a ele é exprimir no lugar os valores, a cultura adquirida por uma vida, já que muitos se encontram aposentados do trabalho e permanecem morando lá.

A Companhia Estradas de Ferro Goiás iniciou a construção da vila na década de 40, destinando-a aos seus funcionários. Hoje, vivem nestas casas, tanto os ex-funcionários, quanto pessoas que não têm ligação com o trabalho ferroviário. Quando a ferrovia deixou de ser o meio de transporte prioritário no Brasil, com o projeto de desenvolvimento das rodovias, a empresa começou a se desfazer de seus bens, inclusive das casas. Estas foram

vendidas para próprios funcionários que nelas moravam. Posteriormente, foram vendidas para outras pessoas.

Nesse sentido, ao falar sobre a construção da vila, o Sr. Arcênio Paranhos, ex-professor da Escola Profissional da Goiás, fala sobre o interesse comercial despertado pela presença da vila. É importante notar pelo relato atual desse aposentado como os significados se diferenciam e ao mesmo tempo se articulam na memória dos entrevistados:

*Mas houve um interesse muito também dos comerciantes da época, dos supermercados, vendas. Naquele tempo era mais era venda, não tinha muito supermercado...e outras atividades comerciais. Então eles também foram adquirindo terrenos, construindo e a coisa foi entrando em franco progresso.<sup>8</sup>*

A idéia do progresso advindo da presença da ferrovia, fomentada pelos órgãos de imprensa do passado e do presente, ainda permanece no imaginário desses sujeitos sociais, que vem corroborar os sentidos construídos pela classe dominante da cidade. No entanto, mais do que falar sobre os interesses que a vila representou para o capital e os sentidos construídos pela classe dominante da cidade, meu objetivo maior é falar sobre os sentidos e significados que persistem na memória das pessoas que viveram e trabalharam ali. Com esse intuito, fui até a vila procurar e entrevistar estas pessoas. Depois de realizar as entrevistas, eu costumava ter uma conversa informal com elas, para saber um pouco mais sobre suas vidas. Portanto, eu vou falar agora um pouco mais sobre suas vidas para que os leitores possam visualizar melhor quem são meus sujeitos.

Nessas conversas, percebi que a maioria chegou na vila nas décadas de 1960 e 1970. Muitos vieram de outras regiões e moravam na zona rural. O primeiro a ser entrevistado por mim foi o Sr. Valentino Gomide, no ano de 2004. Depois voltei a entrevistá-lo em 2007, juntamente com sua esposa, a Sr<sup>a</sup> Olinda Squissato. Ambos

---

<sup>8</sup> Arcênio Paranhos Lopes. Entrevista realizada em 20/05/04, em Araguari-MG.

têm 73 anos e são casados há quase 53 anos. Ele realizou diversas funções dentro da empresa como: servente de pedreiro, auxiliar de serviços gerais, artífice de obras e supervisor de obras.

O Sr. Geraldo Leão foi aluno da primeira turma da Escola Profissional da Ferrovia. Tem 82 anos e aposentou-se como torneiro mecânico. Há alguns anos, ele foi o presidente do que ele mesmo denominou de 'time de velhos', isto é, um time formado por ferroviários aposentados para relembrem os campeonatos realizados pela ferrovia. Ele expressou com muito orgulho o fato de ter trabalhado na ferrovia e lamentou o fato dos antigos colegas de trabalho não gostarem de lembrar daquele tempo.

O Sr. José Campos Filho é conhecido pelos colegas como 'José Condensa'. Veio de Guaxupé para Araguari com dois anos de idade. Seu pai também foi ferroviário. O Sr. Jose entrou na ferrovia em 1952. Sua primeira profissão na empresa foi como servente de pedreiro e depois passou a ser supervisor auxiliar de eletricista de locomotiva a diesel. Hoje o Sr. José Campos Filho ainda vive na vila Goiás com esposa e os filhos.

O Sr Sebastião Cândido Vieira tem quase 70 anos e teve seis filhos. Foi telegrafista da ferrovia e se lembra ainda com exatidão do código Morse, que era com o que ele lidava diariamente no seu trabalho. Entrou na empresa em 1948 e aposentou-se em 1980.

O Sr. Alvim Borges tem 81 anos e trabalhou 35 anos na ferrovia como encarregado de reparação de vagões. Hoje ele tem um problema auditivo ocasionado pelo martelo a ar e segundo ele, a empresa não fornecia protetores de ouvido. Hoje em dia, ele pode ser visto andando de bicicleta pelas ruas do bairro Goiás e é conhecido por muitos moradores.

O Sr. Emilio Porto entrou na Estrada de Ferro Goiás em 1945 como aluno da Escola Profissional, passou a oficial mecânico de locomotiva a vapor e, mais tarde, ingressou como professor da Escola.

O Sr. Arcênio Paranhos Lopes tem 79 anos e foi aluno da terceira turma formada pela Escola Profissional. Ele não era filho de ferroviário, uma das exigências para ingressar na Escola, mas tirou a maior nota no concurso e assim foi chamado para ingressar. Depois foi convidado para ser professor da mesma.

Ao passo que nas notícias da imprensa, na década de 1930, aquele espaço emerge como sinais de progresso <sup>9</sup>, nas lembranças dos meus narradores, ele aparece articulado às relações hierárquicas, ao símbolo das autoridades; aparecem também outros vínculos como a chegada na cidade, a questão das dificuldades, os nomes das ruas.

As casas dos trabalhadores especializados localizam-se mais próximas da estação do que as dos funcionários não especializados. Não se sabe, ao certo, quais foram construídas primeiro. Alguns entrevistados disseram que as dos funcionários especializados foram construídas primeiro, outros disseram que foram as dos não especializados. No entanto, a localização das casas dos funcionários especializados em relação à dos não especializados representa a hierarquia da empresa, isto é, quanto mais alto era o cargo de uma pessoa, mais próximo da estação ficaria sua casa. Quando perguntei ao Sr. Sebastião Candido se as casas para os funcionários de menor renda, foram construídas primeiro, ele disse que

*Não, aquelas lá (as casas dos funcionários especializados) foram construídas primeiro, foram construídas primeiro. Depois daquela lá é que construíram essas aqui, porque essas aqui era pra funcionários de baixa renda, aquela lá era pro pessoal da chefia, que pertencia a classe mais*

---

<sup>9</sup> O jornal de Araguari intitulado Gazeta do Triangulo de 27/03/1938 n°56, ano 11 reza que “a construção de casas para funcionarios é norma seguida pelas mais modernas organizações e... poucas estradas de ferro no Brasil puderam realizar esse empreendimento de grande alcance e que trará grandes benefícios para aqueles servidores da estrada”.



*elevada né? Classe melhor né? Porque ganhava mais né? Então a classe de chefia geralmente tinha uma casa melhor pra morar né? Então é por isso.<sup>10</sup>*

As diferenças na especialização demonstram um recorte do lugar e explicitam as relações de hierarquia. Essa diferenciação emerge nas lembranças desse sujeito, pela forma com que se refere àquele espaço, explicitando um lugar social onde as casas dos funcionários especializados foram construídas antes, porque “era pro pessoal de chefia, que pertencia à classe mais elevada”. Ao diferenciar as casas de “lá” com as casas “daqui” ele demarca esse lugar social e demarca também o seu lugar neste espaço, visto que ele mora nas casas que ele mesmo diz que é pra “funcionários de baixa renda”.

Essas relações hierárquicas também persistem nos significados lembrados por outros sujeitos. Em entrevista com o Sr. Valentino, perguntei-lhe sobre a construção das casas destinadas aos trabalhadores especializados e ele disse que “ Aquela casa grande da esquina, ali perto daquele armazém grande ali, onde tem um andar, tem um jardim na porta, aquela casa ali era a casa do diretor”...<sup>11</sup>

Nesse relato, é interessante notar que a primeira referencia evocada pelo Sr. Valentino é a “casa do diretor”. Em sua memória, ela aparece como o símbolo maior das relações de autoridade e poder presentes na empresa. É possível perceber estas relações também pela forma com que se refere à arquitetura da casa, quando diz que a casa do diretor é “grande”, “tem um andar”, “tem um jardim na porta”. Na referencia simbólica dele, o fato da casa possuir um jardim, ter mais de um andar e ser grande significa que ela é lugar de autoridade referenciada na figura do diretor. Ele nos faz enxergar que ela não é uma casa qualquer, para um funcionário qualquer, mas é uma casa que se diferencia e supera as outras pelo fato de ali ter morado a maior autoridade da empresa.

---

<sup>10</sup> Sebastião Candido Vieira. Entrevista realizada em 23/04/07. Araguari-MG.

<sup>11</sup> Sr. Valentino Gomide, entrevista realiza em 11/05/2004. Araguari-MG.

A casa transmite um ar de imponência e grandiosidade próprias do cargo o qual o seu antigo morador um dia exerceu. Ela se localiza em uma esquina, podendo ser vista por vários ângulos e está posicionada no meio das outras casas de trabalhadores denominados pelo Sr. Valentino de funcionários de *'primeiro escalão'* e *'segundo escalão'*. É como se observássemos um podium triangular com três tipos diferentes de elevações, cuja posição mais elevada estaria representada pela casa do diretor e as outras elevações pelos funcionários subalternos.

**Casa do diretor.**

Fotografia de autoria da pesquisadora.



No entanto, outros lugares são reportados naquele espaço quando ele fala das casas das outras chefias. Ao situar essas casas, ele também está situando o seu lugar social na vila, afinal, ele mora no setor que era reservado para os funcionários não-especializados. Falando sobre as outras casas da chefia ele continua o relato:

“... Agora subindo para o lado da, hoje Policlínica, antigo hospital ferroviário, tem a casa dos pessoal de cargo de chefia, pessoal da estação maior como: diretor de tráfego, diretor de iluminação de carro, não era só a iluminação

de energia elétrica,mas também a iluminação de carro.Então era os que trabalhava na chefia,abaixo do diretor,o que se diz primeiro escalão” .<sup>12</sup>

À esquerda da casa que pertencia ao diretor, em frente a Praça dos Ferroviários, estão localizadas as casas dos funcionários de “primeiro escalão” que totalizam quatro. Na narrativa do Sr. Valentino, essas casas aparecem associadas ao grau de hierarquia e ao cargo exercido pelos seus ex-moradores, identificados como diretores de tráfego, diretores de iluminação de carro (vagões).São funções exercidas por pessoas que estavam ‘abaixo do diretor’, mas que tinham um papel importante, visto que trabalhavam na ‘estação maior’.Estas relações de poder persistem nos significados lembrados por ele e se revelam até pela ordem de sua narrativa ao mencionar as casas, indo do maior ao menor cargo especializado. É possível notar, na fotografia abaixo, como a moradia para essa classe, denominada pelo Sr.Valentino de primeiro escalão, é inferior à do diretor no que tange ao tamanho, aos espaços laterais, etc. **Casas dos funcionários de ‘primeiro escalão’.**



Fotografia de autoria da pesquisadora.

---

<sup>12</sup> Ibidem.

O Sr. Valentino continua a descrição dizendo que “depois aquela da entrada do armazém para o lado do pátio era (casa dos) os diretores de segundo escalão, hoje conversando na língua de hoje né, a chefia de segundo escalão”.<sup>13</sup>

À direita da casa do diretor, de frente ao pátio da estação, estão as casas dos trabalhadores de ‘segundo escalão’. Neste trecho da narrativa ele não menciona as funções desses trabalhadores, talvez porque desempenhassem funções de menor importância diante das mencionadas anteriormente. Quando optei por colocar as fotografias das casas no meu trabalho, o meu objetivo era e é dar ao leitor a oportunidade de ter uma visão sobre as diferenças relacionadas ao tamanho, à arquitetura e estrutura das mesmas e, desta forma, mostrar como essas diferenças explicitam simbolicamente os diferentes cargos, as relações hierarquizadas da empresa. Em todas elas, enfoquei ângulos que permitissem a visualização do tamanho, dos espaços laterais, quintais, o comprimento e assim por diante. As casas dessas três classes de trabalhadores localizam-se a cerca de vinte quinze metros do pátio da estação.

#### **Casas dos funcionários de ‘segundo escalão’.**



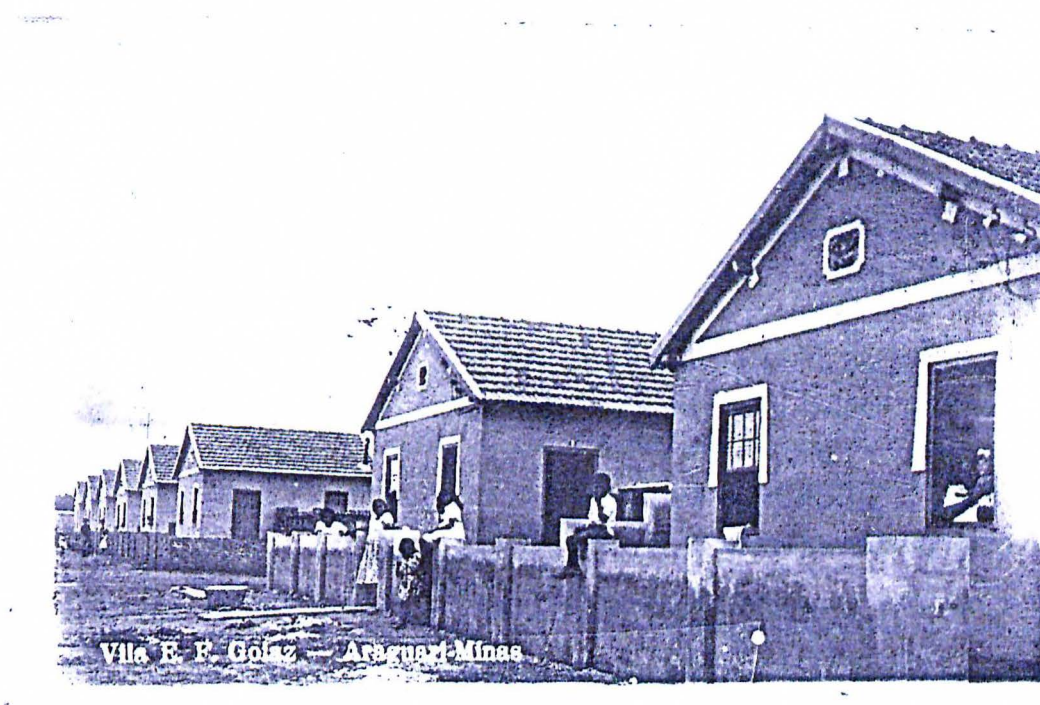
---

<sup>13</sup> Ibidem.

Por detrás dessas casas, mencionadas acima, a cerca de 200 metros, estão localizadas as casas dos funcionários não especializados. Essa distância, em relação ao prédio da estação, também simboliza essas relações de poder, visto que, quanto maior era o cargo do funcionário, mais próximo era sua moradia e vice-versa.

Nas fotografias é extremamente visível a diferença que há entre elas. Nesta abaixo, notamos como os funcionários não especializados moravam. São moradias bem pequenas, muito próximas entre si, provavelmente não tinham saneamento básico, enfim, não ofereciam condições para o bem estar desses trabalhadores, bem como para suas famílias.

Fotografia da Rua dos Portadores.



Fonte: Arquivo Público Municipal de Araguari.

Quando entrevistei o Sr. Valentino e perguntei sobre essas casas, ele me disse que:

*Cada rua tem uma denominação. A primeira aqui é a Rua dos Portadores. A do meio aqui, que morre na porta da minha casa é a Rua dos Limpadores e essa que morre na chegada à direita aqui na avenida Melo*

*Viana é a Rua dos Tatus. Então eu vou explicar o que é o pessoal Portador. É o pessoal que trabalhava em manobra\_é desengatar vagão, trocar vagão de local, é compor trem, fazer composição de trem, pra transporte, então simplesmente era isso né?É mexer com manobra...então essa rua dos Portadores foi pra isso...*<sup>14</sup>

Essa categoria de trabalhadores, dos quais ele faz referência ao falar sobre os nomes das ruas da vila, são aqueles que desenvolviam atividades braçais na empresa. Nomear as ruas com os nomes dos cargos desses moradores/trabalhadores deveria criar neles uma identificação maior com a empresa e com o próprio trabalho que realizavam. As ruas ainda permanecem com os mesmos nomes, com exceção da Rua dos Tatus, embora todos ainda a chamem por esse nome.

É interessante perceber que ele começa a narrativa dizendo que “cada rua tem uma denominação”, isto é, o que aflora em sua memória de imediato são os diferentes cargos que deram origem às nomenclaturas das ruas. Ora, se pararmos para pensar, chegaremos à conclusão óbvia de que qualquer rua tem um nome específico para diferenciá-las das outras. Mas essas, em especial, levam os nomes das diversas profissões da empresa, por isso ele menciona que “cada rua tem uma denominação”.Ele continua o relato dizendo que:

*...essa rua minha aqui chama Rua dos Foguistas,o que é Rua dos Foguistas?É o pessoal que trabalhava em trem também, mas que abasteciam as locomotivas a vapor e água e auxiliavam também aqueles que tinham mais prática na construção de( -----) durante a locomoção do trecho ,durante o tráfego de trecho...*<sup>15</sup>

Como foi mencionado nas primeiras entrevistas, eles não respondiam as perguntas sobre a vila, mas falavam do trabalho na ferrovia. Eu interrompia-lhes e pedia para que falassem da vila. Percebam que nessa narrativa do Sr. Valentino, ele fala da vila, mas sempre se reportando ao trabalho na ferrovia. Ele fala das ruas e

---

<sup>14</sup> Sr.Valentino Gomide, entrevista realiza em 11/05/2004.Araguari-MG.

<sup>15</sup> Ibidem.

explica o que cada um desses trabalhadores realizava na empresa. Isto está relacionado à forma como ele vivia ali, isto é, morar naquele lugar não significava apenas o viver em família, mas o viver em família, intimamente relacionado ao viver no trabalho. É como se trabalhar e morar fossem uma coisa só. A proximidade com a empresa fazia com que os funcionários e familiares ficassem o tempo todo envolvidos com o trabalho ferroviário e isso está implícito na sua narrativa. Continuando o relato ele nos conta que:

*... essa aqui é a Rua dos Tatus. Por que o nome tatu? É porque o pessoal trabalhava nas linhas, nas linhas permanentes mexiam com a terra. Naquele tempo não havia concretamento era tudo na terra mesmo. Era troca de dormentes, troca de trilhos, consertar a via férrea pra haver um bom trafego e não ter acidente, não ter nada... entao esse pessoal que trabalhava em toda a estrada de ferro eram conhecidos como tatu...<sup>16</sup>*

Embora aquele espaço não seja, hoje em dia, palco de todas aquelas relações fomentadas pela presença da ferrovia, a forma pela qual ele o situa no presente em relação ao passado, narrando de uma forma tão vívida aquelas funções de cada trabalhador, mencionando detalhes, é como se aquelas experiências vividas e presenciadas por ele, ainda fossem algo do presente ou que estivessem em um passado não muito distante. O fato dos nomes das ruas, as casas dos funcionários e do próprio prédio da Estação ainda permanecerem ali, compondo o universo visual da ferrovia, permite que esse narrador recomponha sua memória, juntamente comigo, de uma maneira muito mais vívida.

O Sr. Sebastião Candido, falando sobre a vila, atribui outros significados em relação àquele espaço:

---

<sup>16</sup> Ibidem.

*aqui isso aqui era tudo cercado;esse muro aqui era tudo cercado, essa parte aqui ela pertencia ao pátio né aí depois com a encampação da Rede Ferroviária desmembrou, aí passamos a ficar como diz inteiramente da cidade,particular né ?.*<sup>17</sup>

A vila era cercada por um muro. Havia um portão que ficava aberto durante o dia e à noite era fechado. Ela ficava praticamente isolada do restante da cidade. Percebi na sua fala que o Sr. Sebastião não se via morando inteiramente na cidade ao dizer que ‘*isso aqui (a vila) era tudo cercado*’ e que ela, a vila, “*pertencia ao pátio*” da ferrovia. Ela só teria passado a ser ‘*inteiramente da cidade*’ quando a Estrada de Ferro Goiás foi encampada pela Rede Ferroviária. Esse isolamento provocado pelos muros, pelo portão fechado durante a noite e pela própria localização, mais distante do centro da cidade, o fazia sentir-se, morando praticamente na empresa, além do fato da vila ter grande proximidade com o pátio.

Conforme diz Cordeiro, em seu trabalho sobre trabalhadores da Goiás em Araguari, para ocupar essas casas, o funcionário deveria ter “boa conduta”, conforme foi salientado por seu entrevistado, o Sr. Paulo Santos:

*...Eu morei por mais de vinte anos numa das casas da Vila Goiás e eles nunca tiveram uma reclamação nem de mim nem da minha família. Quem morava na vila tinha orgulho disso, porque eram considerados os melhores trabalhadores naquelas funções.*<sup>18</sup>

Morar na vila, para o Sr. Paulo Santos, representava ser encarado pelos chefes, colegas de trabalho e demais moradores da cidade como um dos “melhores trabalhadores naquelas funções”. É um espaço que emerge em sua memória atribuindo valor a si mesmo; e ele narra isso para afirmar para o pesquisador e para

---

<sup>17</sup> Sebastião Candido Vieira. Entrevista realizada em 23/04/07.Araguari-MG.

<sup>18</sup> Sr Paulo Santos, entrevista realizada por Guimar Cordeiro em 15/09/2005, Araguari, MG.



si mesmo o valor, as qualidades que tem como pessoa e principalmente como trabalhador.

O sentido de morar ali é muito fundamentado na questão de como ele era e é visto pelas pessoas em geral, isto é, se ele mora ali, é porque teve méritos que o fizeram merecer estar ali, e ele sente orgulho de ser visto assim.

O interessante é que esse reconhecimento só foi possível porque o trabalho na ferrovia o proporcionou, é por isso que o Sr Paulo Santos, se refere a si e aos outros moradores como “trabalhadores”.O fato de viver e morar na vila aparece em sua memória, vinculado ao trabalho. Esse vínculo com o trabalho emerge nas memórias daqueles homens/trabalhadores em, praticamente todas as narrativas.

A empresa construía essas casas para criar vínculos mais fortes com estes funcionários, que na visão da empresa, eram importantes para o tráfego ferroviário. Dessa forma, destinava as casas para determinados funcionários considerados bons trabalhadores, e não para qualquer pessoa que trabalhasse na ferrovia. Além disso, tinha o intuito de disciplinar e instituir certos costumes. Em seu trabalho sobre a Ferrovia Paulista, Calvo aponta que:

*... a empresa buscou formas para inibir essas práticas (saídas constantes da empresa), como a construção de casas próximas ao local de trabalho, objetivando criar condições para esses trabalhadores sentirem-se menos livres para abandonar o trabalho.*<sup>19</sup>

E ainda salienta que:

*Ao vincular trabalho à moradia, a empresa constrói um caminho para adentrar no universo que até então estava fora de sua influência direta.*

---

<sup>19</sup> CALVO, Célia Rocha. **Trabalho e Ferrovia: A Experiência de ser Ferroviário na Companhia Paulista: 1890 – 1925.** Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Mimeo, 1994.

*O modo de vida dos trabalhadores foi transformado em temas de regulamento.*<sup>20</sup>

Em entrevista, perguntei ao Sr. Valentino o que significa morar na vila:

*Ah com relação ao significado porque eu vejo assim significado é simplesmente pra nós assim uma conquista né ?Porque a gente não tinha casa pra morar ,tinha que pagar aluguel né ?E com a mudança pra esse setor em 73, porque a gente mudou em 73, após a aposentadoria em 83, a gente continuou morando aqui né?Depois a gente acabou adquirindo esse imóvel né?E acho que é uma conquista né?A gente praticamente tipo eh uma localidade muito boa da cidade né?Naquele tempo era poeira e tudo,mas hoje é asfalto,tem água,tem tudo né ?Naquele tempo tinha água também,a estrada de ferro fornecia água né...<sup>21</sup>*

É interessante perceber, no relato do Sr. Valentino, que ele faz uma relação passado/presente, isto é, fala do passado tendo o presente em mente. Sua memória ativa o passado, nos significados de sua cultura e no modo como valoriza no presente, este passado. O valor que ele atribui ao lugar está relacionado ao hoje, às condições que ele tem hoje e isso é valorizado como tempo de conquista, devido ao que viveu no passado. Antes de morar na vila ele “tinha que pagar aluguel” e hoje a situação é de “conquista” porque ,como ele mesmo menciona, “a gente acabou adquirindo esse imóvel”.Isto se articula com as palavras de Portelli quando diz que “as historias de vida e os relatos pessoais dependem do tempo, pelo simples fato de sofrerem acréscimos e subtrações em cada dia da vida do narrador”<sup>22</sup>.

Percebi também que para o Sr. Valentino, a conquista se deve ao fato de ter conseguido cumprir o seu papel na família, como chefe e provedor do bem-estar dos seus.Com a mudança para aquele setor, ele pôde oferecer um conforto maior com

---

<sup>20</sup> Ibidem.

<sup>21</sup> Valentino Gomide.Entrevista realizada em 20/04/07.Araguari-MG.

<sup>22</sup> PORTELLI,Alessandro.O **momento da minha vida**:funções do tempo na historia oral. In:Muitas Memórias ,Outras Historias.Editora Olhos d'agua,2004.

uma infra-estrutura que permite isso, além do fato de que os aluguéis dessas moradias tinham um valor irrisório.

Na narrativa do Sr. Sebastião Candido, que trabalhou como telegrafista da Goiás, a valorização que dá àquele lugar, também está referenciado no que viveu no passado. Ele considera uma dádiva, o fato de ter conseguido a casa, pois hoje não precisa pagar aluguel, como antes. Quando indagado sobre o significado de morar na Vila ele menciona que:

*É, a gente achou muito bom porque a gente era funcionário ainda né, não tinha aposentado ainda e geralmente o funcionário da Estrada de Ferro Goiás no meu caso eu ganhava muito pouco como ganho até hoje né? Então isso pra nós foi uma dádiva muito grande né? A gente teve como se diz uma benção de Deus porque se tivesse pagando aluguel numa casa como essa aí eu tava pagando mais de 200 conto né? E, no entanto a gente tá aqui... compramos a vista né? Compramos à vista... A gente fica satisfeito por isso né?... que tem uma casa que tirou de lá, por exemplo, aonde a gente começou a gente tá até hoje né? Não teve fim, graças a Deus, dô muito graças a Deus por isso.<sup>23</sup>*

A conquista, a “dádiva” também se dá porque ele “tem uma casa que tirou de lá”, isto é, morar na casa que pertencia a Estrada de Ferro Goiás é motivo de orgulho para ele, não apenas por ser uma empresa reconhecida por todos, pela sua importância, mas porque a casa representa o fruto do seu trabalho. Além disso, ele conseguiu cumprir sua trajetória de trabalhador, de pai de família e, é por isso que ele menciona que “aonde a gente começou, a gente tá até hoje, não teve fim”.

Em entrevista com o Sr. Valentino Gomide perguntei-lhe sobre os valores dos aluguéis. Ele disse que:

*De acordo com o cargo, era o valor do aluguel, porque uns ganhavam mais, outros menos, então o aluguel não poderia ser igual para*

---

<sup>23</sup> Sebastião Candido Vieira. Entrevista realizada em 23/04/07. Araguari-MG.

*todos né. ?Cada carreira era diferente. Então era uma proporção, uma porcentagem do aluguel.Havia 8% do salário, 6% do salário e 4% do salário.Issó é o que a gente pagava né ?Eu no meu caso pagava 6%Agora depois que cessou ,porque ele vinha em folha de pagamento. `A medida que nós passamos a receber do INS...,naquele tempo não tinha INPS...então o aluguel cessou também.Daí o motivo porque eles alegavam que precisavam das casas.<sup>24</sup>*

Notemos como ele traz as mudanças do antes e do depois. Para ele, a empresa requereu as casas apenas pelo fato de eles terem se aposentado. A verdade é que o vínculo que esses trabalhadores tinham com o trabalho ferroviário, enquanto socialmente reconhecido e importante, perde o sentido depois da construção das rodovias. A ferrovia deixa de ter função na economia capitalista, na década de 50, quando começam os projetos de interiorização do Brasil e a construção de Brasília e da malha rodoviária. Estes projetos enfraqueceram redes de transporte que antes se firmavam na ferrovia. Economicamente, esse transporte deixa de ser o foco central, e com a sua decadência as relações de trabalho e tudo o que se construiu, foi ficando em segundo plano e o trabalho que eles exerciam na sociedade foi desvalorizado pelo investimento, por parte do Estado, em outros projetos.

Ao passo que para os homens, morar na vila tem como referencial, principalmente o trabalho, para as mulheres, representadas pela Sr<sup>a</sup> Olinda, o referencial de morar ali é a família, as relações da vida doméstica organizados em relação ao tempo do trabalho dos homens.

Essas mulheres tiveram um papel muito importante na manutenção do equilíbrio desses trabalhadores e da família. As suas narrativas nos dão uma noção do quão difícil foi, para elas, suportarem as dificuldades financeiras, a ausência do esposo por longos períodos e a responsabilidade de criar e educar os filhos.

---

<sup>24</sup>Sr. Valentino Gomide, entrevista realiza em 11/05/2004.Araguari-MG.

Quando iniciei minha entrevista com a Sra. Olinda, perguntei-lhe o que significava morar naquele lugar:

*Morar nesse lugar é maravilhoso, agora né ?(risos).Depois de muitos anos hoje ofereceu uma vida mais estável, mais assim com...estabilidade né?Com mais conforto, um pouco né?Apesar da luta ter sido muito grande, mas a gente colheu um pouco dos frutos né ?Dos frutos bastante amargos do que passaram, né?Então a gente sente assim um pouco mais aliviada porque a gente venceu um pouco mais essa batalha com a família que foi muito difícil, né ?<sup>25</sup>*

Morar na vila hoje é gratificante em função do que viveram no passado. As dificuldades vividas naquela época fazem com que a Sr<sup>a</sup> Olinda dê um outro sentido às condições atuais. Provavelmente, se não tivessem passado por tantas dificuldades e privações, os significados seriam outros, o valor que ela dá ao tempo presente seria outro.

A família aparece referenciada como o alvo dessas provações. Embora o passado tenha sido uma “batalha”, hoje eles “colhem um pouco dos frutos”. É possível perceber, que quando menciona a questão da batalha e do colher os frutos, sua memória ativa o passado, com os valores de sua cultura hoje A idéia do sacrifício e da recompensa são valores religiosos que fazem parte do âmbito da vida da Sra. Olinda, que participa ativamente na Igreja Católica da localidade.

A dificuldade da vida doméstica vai surgindo mais claramente à medida que ela narra a trajetória de vida da família. Ela nos conta que:

*... correu muita dificuldade né?E dinheiro não sobrava porque a gente comprava na cooperativa e lá o dinheiro era uns sessenta cruzeiros por mês e lá ficava tudo, porque lá você tirava os alimentos, né?Uma*

---

<sup>25</sup> Olinda Squissato da Silveira. Entrevista realizada em 20/04/07. Araguari-MG.

*roupinha pra cada um da família. Inclusive todos da rede, a família ferroviária, basta ce olhava na rua assim tinha o mesmo pano(risos).Os vestidos, os sapatos porque lá vendia né?Então a gente era isso daí né?Uma luta muito grande mesmo.*<sup>26</sup>

A ‘família ferroviária’ consumia na “Cooperativa” de consumo da Estrada de Ferro Goiás. A dificuldade de adquirir alimentos e roupas está vinculada ao fato de que o dinheiro ficava quase todo na empresa, visto que o consumo desses produtos básicos era descontado em folha de pagamento e o salário era considerado pouco. A vida doméstica articulava-se às relações do trabalho de seu esposo/ferroviário.

Nesse sentido, ela demonstra uma certa tristeza por ter que se vestir de acordo com o figurino que era fornecido pela cooperativa aos funcionários e suas famílias. Havia, segundo ela, poucas opções de tecidos disponíveis e isso resultava em vestir-se igual aos outros funcionários e suas famílias. Eles eram praticamente obrigados a comprar na cooperativa, pois os produtos ali vendidos, eram mais baratos do que os do comércio local.

Na narrativa da Sr<sup>a</sup> Olinda, percebemos como ser esposa de ferroviário era de importância fundamental no tocante ao modo de viver, nas relações familiares e domésticas. Sendo assim ela aponta que:

*... um dia ele falou pra mim também que ele chegou em casa e falou: \_“Não, eu não ... não vou ficar, eu vou lá me se dispensar na Goiás, porque eu acho que não vai dá pra mim tratá da minha família,(com) o que eu tô ganhando”.Ai eu falei pra ele assim: \_ “Olha, eu vou te amarrar num poste num poste beirando a linha...” Um poste de fio, você sabe o que é esses poste de telegrafo que tinha? Ainda tem né Valentino?*

*\_ Éh, é rede de comunicação né*

*\_ Eu falei: \_ “Eu te amarro naquele poste berando a linha, mas você não vai sair da Goiás, porque se você sair vai ficar pior, você vai ficar nesse*

---

<sup>26</sup> Ibidem.

*serviço, porque mesmo assim ainda a gente tá vivendo".E ele não se dispensou não, e graças a Deus, porque hoje têm valido demais, né?*<sup>27</sup>

Esposas de trabalhadores ferroviários, como a Sr<sup>a</sup> Olinda, lidavam com situações, no dia a dia, nada fáceis. Ficavam por vários dias sozinhas, cuidando dos filhos e das responsabilidades da casa, enquanto seus esposos viajavam a trabalho. Nesse relato, ela aponta para essas dificuldades, ao mencionar a ocasião em que o marido, em uma situação de desespero, resolve sair do emprego na Goiás. Ela chama a atenção para o seu papel fundamental na resolução desse problema, quando diz que conseguiu convencê-lo a continuar no emprego.

Podemos perceber que a permanência de muitos desses trabalhadores no emprego, devia-se ao respaldo emocional que as mulheres davam aos seus esposos. No entanto, fico imaginando como elas tinham que se fazer de fortes, para continuar dando apoio e suportando o dia a dia da vida doméstica, que girava em torno da rotina de trabalho do marido.

Falando mais sobre o espaço da vida doméstica ela menciona que:

*Ficava às vezes até quinze dias fora né? Mas deixava tudo arrumadinho pra mim, o pouco que tinha ficava tudo pra gente não passá falta né.?E ele levava os mantimento tudo nuns embornauzinho, tudo que eu costurei... uns embornauzinho... ele colocava tudo os alimento pra levar também, né ?Aí voltava, era do mesmo jeito na volta, né?E eu ficava com essas criança aqui.E às vezes o gás acabava, eu mesmo pegava um prazinho em casa eu pegava o carrinho de pedreiro e ia lá no armazém buscar o gás, às vezes tava chovendo e eu ia buscar mesmo .Então o que ele pôde fazer da parte dele com essa luta que foi muito grande e eu também contribuí com tudo e... tive muita paciência e ele também...foi bastante sofrido mas hoje a*

---

<sup>27</sup> Ibidem.

*gente agradece e põe as mãos pro céu, porque a gente venceu muito nesse trabalho dele né ?...*<sup>28</sup>

Quando ela atribui a si a responsabilidade de parte da ‘batalha vencida’, ela está afirmando a importância do seu papel na História. Se essas mulheres / esposas não tivessem a paciência que tiveram, se não tivessem sido um esteio para estes homens trabalhadores, me pergunto se eles suportariam as longas jornadas de trabalho, os vários dias fora de casa (para aqueles que trabalhavam na manutenção das linhas), os baixos salários, o pouco tempo com a família enfim, todas as dificuldades a que estavam submetidos.

No entanto, isso exprime relações de dominação e de exploração às quais estavam submetidas, porque viver, morar ali não era concessão e nem tudo era maravilhoso, conforme ela mesmo comentou.

Ao se lembrar das ausências do marido, das tarefas domésticas, a Sra. Olinda fala do duplo papel que a tornava sujeito social, isto é, o de mãe e pai. Além de ter que cuidar dos filhos sozinha, enquanto o esposo estava viajando a trabalho, ela ‘pegava o carrinho de pedreiro e ia lá no armazém buscar o gás’. Realizava tarefas que exigiam maior força física e que são atribuídas, geralmente, ao homem.

Note como os valores religiosos aparecem como afirmação, em sua consciência, desse passado em relação ao presente. O ideal da esposa capaz e companheira não está desvinculado das lembranças que emergem em sua memória, sobre as relações vividas ali.

No relato abaixo, narrado pela Sr<sup>a</sup> Olinda, os valores religiosos são reafirmados em sua consciência.

*...inclusive a gente tem bastantes amigas que não tiveram paciência, não suportaram a pobreza né ?...as dificuldades, a falta das coisa né?... precisava de ter assim...elas queria mais, mais, mais, mas não tinha jeito de*

---

<sup>28</sup>Ibidem.



*oferecer. Aí os marido ficava desesperado e ia procurar outros empregos né?... e hoje eu...às vezes elas tão chorando ...*<sup>29</sup>

Embora ela tenha afirmado durante toda a entrevista que a vida ali não era fácil, ela é conformada e acredita que valeu a pena o sacrifício. Além de reafirmar a visão cristã do sacrifício e da recompensa, está implícito que ela também acredita em outro princípio cristão que diz que devemos nos conformar com o pouco que temos.

Sua memória, nesse sentido, ativa o passado nos significados da sua cultura, valores religiosos, e a faz visualizar e julgar, inclusive, atitudes de pessoas que tiveram experiências compartilhadas naquele espaço.

O dia a dia na casa desses trabalhadores e mulheres/esposas, isto é, a rotina familiar, os horários das crianças irem para escola, o horário das refeições e os horários de trabalho dos maridos, eram determinados pelos horários da empresa. Em entrevista, ao comentar o recente episódio em que a sirene, que era usada pela Goiás e hoje é utilizada por outra empresa, estragou, a Sra Olinda disse que

*Ficamos muito triste porque ela não estava funcionando e parece que tinha...ficou assim Araguari ficou parecendo assim que tinha morrido uma pessoa,que nem um velório né?... porque ela não funcionava então aquilo gravou demais a nossa vida, sabe?Foi tanto, que depois que ela voltou, parece que nós renovou tudo de novo(risos),renovou ne...que a gente sente assim que ela ta lá chamando ,a gente fica lembrando de tudo, né?...os... “vamos levantar gente ó ta na hora vocês vão pra aula,anda ta passando de hora,anda depressa o seu pai já saiu e vocês tão\_atrasados”.E foi essa luta ne marcou muito pra gente e por isso que a gente quer que nunca ela pare de...da gente ouvir essa sirene aí viu(risos),porque aí é o*

---

<sup>29</sup> Ibidem.

*nosso coração é igual um coração que bate dentro da gente né, porque a gente tem muito amor, muito amor mesmo sabe.*<sup>30</sup>

A sirene marcava o início e o fim do trabalho e as trocas de turno para os que trabalhavam nas oficinas da empresa. Além de ditar o ritmo do trabalho, ela regulava o ambiente doméstico, sendo uma referência temporal para a família do ferroviário realizar atividades fora do ambiente da vila, como trabalho e estudo. Nesta fala, percebi que a lembrança que ela evoca para Sra. Olinda, diz respeito à vida em família. Quando ela diz que a sirene “tá lá chamando”, ela está dizendo que ela chama o tempo em que ela tinha seus filhos sob sua responsabilidade, o tempo em que ela se sentia ativa. Percebo que, para ela, a sirene é como se fosse o último vestígio que sobrou daquele passado e quando ela toca, o passado se faz presente porque traz de volta aquelas lembranças. É como se ela necessitasse dela para se lembrar. Quando a sirene parou de tocar ela se sentiu como se tivesse “*morrido uma pessoa*”. Eu fiquei pensando o que significaria esta expressão e acredito que o parar de tocar significa o não evocar as lembranças do passado e, por consequência, o passado fica para trás, morto, não volta mais. E então ela conclui dizendo que a sirene é “*igual um coração que bate dentro da gente*”, isto é, dá vida ao passado, por fazê-lo pulsar em suas lembranças.

No próximo capítulo, abordarei, em especial, as narrativas dos homens, enquanto trabalhadores aposentados, buscando analisar os valores e significados produzidos por eles.

---

<sup>30</sup>Ibidem.

## Capítulo II

### LEMBRANÇAS SOBRE O TRABALHO FERROVIÁRIO.

Se nas narrativas, as mulheres valorizaram como lugar de seu pertencimento, de suas histórias, o espaço da vida doméstica, valorizando laços de família, criação de filhos, relação de vizinhos, apontando, inclusive, suas escolhas em termos das possibilidades elencadas na experiência social de serem ‘esposas de ferroviários’; as narrativas dos homens valorizaram como lugar predominante as relações de trabalho no interior da empresa.

Em seu trabalho sobre a experiência de trabalhadores na ferrovia Paulista, Calvo pôde:

*“...perceber os contornos da disputa cotidiana Pois, se para os empresários, o trabalho ferroviário e o papel da ferrovia representavam uma nova estratégia para a acumulação, para os trabalhadores possuía diferentes significados, relacionados às experiências de trabalho, às suas necessidades, enfim, ao seu modo de vida, que muitas vezes chocavam-se com as exigências impostas pelo próprio processo de trabalho na ferrovia.”<sup>31</sup>*

Nesse sentido, busco analisar os valores vinculados ao trabalho na ferrovia, refletindo sobre as noções de tempo vinculado ao modo de viver e de organizar a vida social. Interessa saber como trazem em suas memórias, os significados de terem vivido as relações demarcadas por uma forte hierarquia, não apenas na relação direta de produção no trabalho, mas no que se refere a um modo de se tornarem sujeitos na história.

Afinal o que significa para cada um dos narradores lembrar do tempo em que trabalhavam ativamente na ferrovia? Quais as tensões, quais os desafios? Para os

---

<sup>31</sup> Calvo, Célia Rocha. **Trabalho e Ferrovia. A Experiência de ser Ferroviário na Companhia Paulista: 1890-1925.** Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Mimeo, 1994. Pg, 45.

que nem sequer tinham experiências de lidar com o ritmo intenso do trabalho ferroviário? De onde vinham essas pessoas? Como elas lembram desse chegar, trabalhar, como que aquele espaço hoje desativado, inoperante é revivido e revisitado no trabalho de suas memórias, no ritmar dos seus significados, nas lembranças das suas relações? Foi pensando nestas questões que me propus a perceber como os narradores organizavam via memória, como aposentados na cidade de Araguari, as lembranças do trabalho na ferrovia.

Podemos perceber nos relatos que, formas tradicionais de valor e execução do trabalho, realizados antes de ingressarem na Estrada de Ferro Goiás, vão de encontro à organização das relações de trabalho imposta pela empresa, movida pela regularidade do horário de trabalho. Estas lembranças emergem quando recordam o período em que começaram a trabalhar na Goiás. Por meio disso, podemos notar como elaboram o processo de adaptação ao novo ritmo de trabalho imposto e como sentiram e elaboraram as mudanças na vida diária.

Muitos desses trabalhadores tiveram como experiência anterior ao trabalho na ferrovia, o trabalho realizado em fazendas. O modo como perceberam as mudanças do ritmo de trabalho na fazenda, ao ficarem sob a lógica do novo ritmo estabelecido pelo trabalho na Estrada de Ferro Goiás, é perceptível no relato do Sr. Pedro Leopoldo quando ele diz que “A primeira coisa que a gente tinha que fazer ao entrar para a Goiás era comprar um relógio, porque cada minuto perdido era descontado na folha de pagamento”.<sup>32</sup> O trabalho que antes era executado e em função do posicionamento do sol e das mudanças de tempo e estação e que, de certa forma, proporcionava maior liberdade ao trabalhador, na forma de usar esse tempo, agora passa a ser realizado em função do tempo imposto pela empresa.

Além da vigilância constante dos chefes de sessões, os trabalhadores passaram a ser submetidos a um ritmo de trabalho, ao qual não estavam

---

<sup>32</sup> Sr Pedro Leopoldo, entrevista realizada por Guimar Cordeiro Andrade em 19/09/2005, Araguari, MG.

acostumados e qualquer violação das regras, poderia incorrer em punições que iam desde descontos na folha de pagamento, demissões, transferências para outros setores, até para outras cidades. Isto nos dá uma idéia de como esses trabalhadores eram submetidos a um desgaste não somente físico, mas também emocional.

A partir das exigências da empresa, percebi que esses trabalhadores tiveram que reelaborar hábitos e valores em seu cotidiano. O Sr. Sebastião Reis disse que antes de entrar na Goiás tinha tempo para trabalhar, descansar, divertir-se e ainda sobrava tempo para ficar com a família. Falando sobre as mudanças trazidas pelo novo emprego ele conta que:

*... a coisa mais difícil de acostumar na Goiás era ter de esperar o fim do mês para receber (o salário), a gente tava acostumado a ter sempre dinheiro no bolso, tem certas necessidades que não esperam o fim do mês. E quando o salário atrasava então, era um Deus nos acuda (pausa). Outra coisa que eu não gostava era ter que ficar no serviço oito horas por dia. Tinha vez que a gente terminava o serviço, mas tinha que ficar lá até dar a hora. Alguns colegas até tentavam escapar de vez em quando, mas se o chefe pegasse... (pausa). Descanso pra valer era só no domingo ou feriado, porque tinha sábado que a gente trabalhava até meio-dia.*<sup>33</sup>

É possível perceber o choque que há entre a noção de tempo desse trabalhador em relação à noção de tempo da empresa. A relação de tempo estabelecida pelo trabalho na Goiás implicava em não poder suprir suas necessidades imediatas, em ter que esperar o fim do mês para receber o salário, e em não poder descansar ou aproveitar mais o tempo com a família, já que a jornada de trabalho era de oito horas diárias.

A nova lógica do trabalho fez com esses trabalhadores reelaborassem seus costumes que só eram possíveis no trabalho nas fazendas. A lembrança sobre o trabalho na empresa é elaborada no presente, como um fator que resultou em

---

<sup>33</sup> Sr. Sebastião Reis. Entrevista realizada por Guimar Cordeiro de Andrade em 10/09/2005, Araguari, MG.

privações tanto em sentido físico quanto no que diz respeito às relações familiares. Receber o salário somente no fim do mês significava não poder consumir ou satisfazer desejos imediatos ou até mesmo necessidades “que não esperam o fim do mês”. Além disso, as relações com a família foram transformadas, visto que o tempo que era dedicado à educação e à convivência com os filhos e a esposa foi tomado, em grande parte, pelas obrigações no emprego.

Mesmo com toda a rigidez e vigilância constante dos chefes de sessões, notamos que alguns trabalhadores tentavam “escapar de vez em quando”, isto é, procuravam burlar as normas estabelecidas pela empresa na tentativa de recuperar certa autonomia, com a qual estavam acostumados no trabalho, antes da entrada na Estrada de Ferro Goiás.

Nesse sentido, notamos que o trabalho na Goiás passou a organizar a vida desses operários de uma maneira diferenciada da vida que tinham anteriormente e o impacto que sentiram em seus modos de vida, a partir do momento em que começaram a trabalhar na empresa, está sempre presente nas narrativas deles, como conta o Sr. Sebastião Reis:

*... quando a gente trabalhava na praça o negócio era bem diferente, o serviço era quase sempre por empreito, era a gente que controlava o dia de trabalho, você recebia conforme trabalhasse e não tinha hora certa para pegar ou largar o serviço, a gente tinha tempo de fumar um cigarrinho e até tirá uma sonequinha de vez em quando (risos). Já na Goiás era o contrário, tinha hora pra tudo e quem não cumprisse o horário recebia advertência.<sup>34</sup>*

Na lembrança que ele tem sobre o ingresso no trabalho na Goiás aparece a rigidez dos horários e da disciplina. Em contraponto, aparece o trabalho realizado anteriormente, onde trabalhar significava poder satisfazer necessidades triviais como “fumar um cigarrinho” e “tirar uma sonequinha”. Na Estrada, o trabalho era

---

<sup>34</sup> Sr Sebastião Reis, entrevista realizada por Guimar Cordeiro de Andrade em 10/09/2005, Araguari, MG.

cronometrado pela lógica do tempo da empresa e antes de ingressarem no trabalho na Goiás, o trabalho era cronometrado pela lógica do tempo estabelecido pelo próprio trabalhador. Era ele “que controlava o dia”; tinha autonomia sobre o seu corpo, mas na empresa o seu corpo e o seu tempo passaram a ser controlado por ela.

A adaptação aos horários e à disciplina foram, portanto, as primeiras tensões vividas por esses trabalhadores, acostumados a fazer o que bem queriam com o seu dia. Falando sobre essa dificuldade o Sr. Paulo Santos nos conta que:

*... o horário do almoço; na roça a gente levantava bem cedo, às cinco horas da manhã e trabalhava geralmente até as nove e meia, que era a hora do almoço, a gente comia e descansava um pouco antes da labuta. Na estrada, era onze horas e não tinha como, enquanto não apitasse onze horas a gente não podia ir almoçar, e meio-dia e meia tinha que tá de volta, a gente tinha uma enorme dificuldade de adaptação com a hora do almoço. No começo, ia dando lá pelas onze horas eu quase desmaiava de fome.*<sup>35</sup>

Refletindo sobre os relatos, fiquei imaginando como a vida desses trabalhadores transformou-se drasticamente, a partir do ingresso na Goiás, e como eles e suas famílias sentiram no dia a dia essas transformações. No movimento de composição da memória em relação ao passado vivido naquele espaço, esses sujeitos demonstram um grande pesar pela perda do estilo de vida que tinham antes. Suas memórias ativam o passado nas fazendas fazendo com que rejeitem o modo de vida a que passaram a ser submetidos na Goiás. A percepção de como aparece em suas narrativas o lidar com essas transformações, nos ajuda a entender as mudanças enfrentadas em contextos particulares.

A assimilação desse novo ritmo de trabalho, por parte dos seus funcionários, era fundamental para que a empresa funcionasse visto que o ritmo dela dava-se em função dos:

---

<sup>35</sup> Sr Paulo Santos, entrevista realizada por Guimar Cordeiro de Andrade em 15/09/2005, Araguari, MG.

*... horários fixados para a movimentação dos trens, nas entregas e recebimentos de mercadorias, no percurso das linhas, mantendo a conservação dos trilhos, na construção de edifícios reservados para armazenagem de produtos, nos escritórios de administração, nas oficinas, efetuando conserto e manutenção das locomotivas* <sup>36</sup>

Em seu trabalho sobre a ferrovia Paulista, CALVO falando sobre a questão da disciplinarização do trabalho, chama a atenção para a necessidade da empresa de transformar hábitos e valores dos trabalhadores, implantando regras de conduta. Desse modo, “forjar a figura do trabalhador disciplinado implicava a necessidade de remover suas experiências, criando novos valores que estivessem relacionados ao ritmo de trabalho ferroviário”.<sup>37</sup> Essas transformações tinham o intuito de fazer com que eles sofressem uma “modificação do modo de vida, de trabalho, do valor atribuído ao tempo, enfim, a exigência de uma nova conduta moral de trabalhador”.<sup>38</sup>

Acreditamos que as normas constatadas pela pesquisadora são semelhantes àquelas que eram vigentes na Estrada de Ferro Goiás. Essas regras de conduta persistem nos relatos dos trabalhadores. O Sr. Paulo Santos, que morava na Vila Operária, ao ser questionado sobre qual o significado de ter boa conduta respondeu:

*...os responsáveis pelas casas achavam que a pessoa tinha boa conduta se não chegava atrasado no serviço, não bebia, não pedia dispensa por qualquer motivo, não ficava tonto nem bebia em serviço, não fazia arruaça até altas horas dentro da vila e estivesse sempre em casa quando fosse chamado.*<sup>39</sup>

O significado que ele atribui aos hábitos de boa conduta e que persiste em sua memória sobre aquele tempo, se mistura à concepção de boa conduta que fazia parte

---

<sup>36</sup> CALVO, Célia Rocha. **Trabalho e Ferrovia: A Experiência de ser Ferroviário na Companhia Paulista: 1890-1925.** Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Mimeo, 1994.

<sup>37</sup> Ibidem.

<sup>38</sup> Ibidem.

<sup>39</sup> Paulo Santos. Entrevista realizada por Guimar Cordeiro Andrade Jr, em 15/09/2005. Araguari, Mg.



do regimento interno da empresa. Quando ele menciona o que “os responsáveis pela casa achavam” ele está afirmando, na verdade, o que ele também considera ser boa conduta.

Isto nos faz perceber que muitos desses trabalhadores acabaram incorporando as exigências impostas que objetivavam fazer com que esses operários passassem a ter uma nova conduta como trabalhadores. Falando sobre o modo como se comportava no trabalho da empresa, o Sr. José Campos Filho, que se aposentou como supervisor auxiliar de eletricista de locomotiva a diesel, relembra a ocasião em que foi elogiado para o então diretor da Ferrovia:

*Tem uma ocasião foram conversar comigo, falou: \_ “Olha, o coronel (o diretor) tá te procurando!” Porque eles contaram pra ele que eu trabalhava muito e ajudava muito meus colega, eu falei: “\_Não, isso aqui é que nem exercito, nós tem que ajudar fazer e tem que andar honestamente”.<sup>40</sup>*

Essa relação que ele faz do trabalho na empresa com o exército, explicita valores relacionados à disciplina e comportamento que foram sendo absorvidos no dia-a-dia do trabalho e que foram elaborados nos significados que eles fazem do passado no presente. É comum encontrarmos trabalhadores que compartilham desta mesma memória.

Ao lembrar aquele tempo, Arcênio Paranhos Lopes, que foi aluno e professor da Escola Profissional da Goiás, nos conta que:

*A Escola tinha um regime, lá chamava de regimento interno e esse regimento interno era assim muito severo e...pra época era muito severo e uma espécie assim de ...de militarismo, em poucas palavras, vamos dizer assim.O aluno, por exemplo, tinha que obedecer certas disciplinas muito assim,muito rígida e, por exemplo,não podia fumar na sala de aula de maneira nenhuma não se podia nem pensar nisso e nem nos pátios ,nos*

<sup>40</sup> Jose Campos Filho. Entrevista realizada em 20/09/2004, em Araguari-MG.

*nossos pátios não podia fumar, quem era pego fumando era suspenso três, quatro dias, conforme até... até dez, quinze dias de suspensão. Então a gente tava interessado em aprender uma profissão, uma suspensão, naquele sentido, atrapalharia todo o esquema né, vamo dizer assim.*<sup>41</sup>

Na lembrança que ele tem sobre o tempo em que estudava na Escola Profissional, aparece a questão das normas que regiam o funcionamento da Escola. Essas imagens aparecem associadas ao conhecido e rígido sistema de conduta militar quando ele compara o regimento interno da Escola dizendo que “era muito severo e uma espécie assim de militarismo”. A disciplina aparece vinculada às punições que resultariam do seu não-cumprimento.

Ao refletir sobre todos esses relatos, percebo que há diferentes versões sobre as relações de trabalho na ferrovia, sendo que alguns falam das dificuldades de adaptação à disciplina estabelecida pelas normas da empresa e outros, assim como o Sr. Jose Campos, falam do trabalho como se não tivesse tido conflitos, problemas de adaptação, como se fosse tudo maravilhoso. Isto nos faz entender que não existe uma “memória ferroviária”, visto que as memórias desses trabalhadores sociais são múltiplas e trazem significados diferentes. Pelo movimento da memória, aprendemos as transformações e as (re) significações elaboradas pelos sujeitos:

*Ao narrar, as pessoas sempre estão fazendo referências ao passado e projetando imagem, numa relação imbricada com a consciência de si mesmo, ou daquilo que elas próprias aspiram ser na realidade social. Associando e organizando fatos no espaço e no tempo, dentro dos padrões de sua própria cultura e historicidade, cada pessoa vai dando sentido à experiência vivida e a si mesmo nela.*<sup>42</sup>

Em muitas entrevistas realizadas com esses sujeitos sociais, eles relembram de casos de desonestidade de alguns companheiros de trabalho. Segundo o Sr.

---

<sup>41</sup> Arcênio Paranhos Lopes. Entrevista realizada em 25/06/2007, em Araguari-MG.

<sup>42</sup> KHOURY, Yara Aun. **Muitas Memórias, Outras Histórias: cultura e o sujeito na história.** In: FENELON, Déa, et. alí. (orgs.). *Muitas Memórias, Outras Histórias.* São Paulo: Olho d'água, 2004. p.131.

Geraldo Leão, que foi aluno da Escola Profissional e aposentou-se como torneiro mecânico, desonestidade envolvia até mesmo alguns “mandatários da empresa”:

*...As coisas eram tão difícil que havia uns problema assim...desonestidade demais né....Tipo assim, de venda de materiais, tirar pedaço de trem, sucata sabe, os próprios mandatários ta entendendo? É que sempre há nos trem do governo essas coisa assim, sabe.Então a pessoa sente obrigado, vê, ta fácil também né e fala eu vou me virar porque senão eu vou pro fundo,eu me afundo e vem desse jeito assim.<sup>43</sup>*

Note como esse entrevistado fala do passado tendo como referência as experiências do presente. Quando ele menciona a desonestidade dos funcionários dizendo “que sempre há no governo essas coisa assim, então a pessoa sente obrigado” (a roubar), ele está associando os fatos na sua memória com a corrupção no governo atual, muito divulgada pela mídia.

Ele justifica esse problema da empresa baseando-se no senso comum dos nossos dias, em tudo que envolve o governo há desonestidade. Além disso, atribui o fato aos problemas financeiros, como ele mesmo menciona, os trabalhadores tinham necessidade de furtar porque “senão eu (referindo-se aos funcionários) vou pro fundo, eu me afundo”.

Quando questionado sobre a possibilidade de haver roubos ou desvios na empresa, o Sr. Guimar Cordeiro, que aposentou -se como metalúrgico, afirmou:

*Era o que mais acontecia, principalmente no período em que havia mudança de chefia. Existiam muitas pessoas desonestas trabalhando na Estrada de Ferro, lá era pior do que ninho de rato (risos). Ferramentas e materiais de construção era o que mais sumia. Se a gente pegasse uma ferramenta na chaparia tinha que tomar cuidado, porque se deixasse em qualquer lugar sumia, ai tinha que pagar porque tava anotado no nome da gente. Muita gente ficou bem de situação trazendo coisas da Goiás. Pra te*

---

<sup>43</sup> Geraldo Leão. Entrevista realizada em 12-10-04, em Araguari-MG.

*falar a verdade na Goiás existiam três tipos de empregado: aquele que trabalhou pouco e recebeu muito; aquele que trabalhou até “cair os dentes” e aquele que trabalhava quinze dias para a ferrovia e quinze dias para ele mesmo, esses tinham quase sempre a cobertura de um chefe.*<sup>44</sup>

Na memória desse entrevistado, a desonestidade era facilitada nos períodos em que havia mudanças de chefia e a fiscalização ficava menos intensa. Em função dos roubos, acredita ele, muitos ficaram bem financeiramente, por causa da venda de ferramentas e materiais da Goiás.

É interessante notar como ele classifica os funcionários pela forma pela qual eles executavam seu trabalho, fazendo uma distinção entre os honestos e os desonestos. Estes últimos seriam aqueles que teriam uma relação mais estreita ao chefe. Algo que percebi nas entrevistas com esses sujeitos é que muitos deles associam a relação de amizade com os chefes aos privilégios e regalias de alguns funcionários. Questionado sobre sua relação com a chefia o Sr. Jose Campos Filho conta que:

*Tem uma ocasião foram conversar comigo, falou: \_ “Olha, o coronel( o chefe) tá te procurando!”Porque eles contaram pra ele que eu trabalhava muito e ajudava muito meus colega,eu falei: “\_Não,isso aqui é que nem exercito,nós tem que ajudar fazer e tem que andar honestamente”.Conversei com ele(o coronel) pedi ele pra escutar a conversa de um rapaz,de um senhor,ele era foguista e eles tiraram ele de foguista e pôs na oficina.Aí ele(o foguista) falou:“\_Não, o negocio é o seguinte,eu queria que o sr.ajeitasse aí pra mim porque eu não quero trabalhar aqui na oficina,eu quero ser foguista”. \_ “Não, o coronel ta aí ele ta aqui de noite ele vem aqui, ele vem cá ver uma locomotiva que ta aí e eu to esperando ele pra entregar essa locomotiva”.\_Aí cheguei perto dele perguntei pra ele se o Marcondes “ ta aí”,que era o chefe que comandava os maquinista.\_ “Coronel tem um senhor aqui, fulano de tal, trabalhava na*

---

<sup>44</sup> Sr Guimar Cordeiro de Andrade, entrevista realizada em 28/09/2005, Araguari, MG.

*oficina, era auxiliar de maquinista e ele pediu pra mim pedir o senhor que é procê lá...\_ “Não, não precisa de pedir não uai, pode...” Conversou os dois lá, falou:\_ “Ó, dia primeiro ce apresenta na oficina como auxiliar...como maquina...como foguista.” E ele deu ordem lá pra turma, falou:\_ “Não”...botou ele .Foi duas vezes que eu conversei com ele. <sup>45</sup>*

Para ele, o fato de ser considerado um bom funcionário foi o fator determinante para que ele conseguisse que o seu pedido de remanejamento do colega fosse atendido pelo chefe. É possível perceber que na imagem que ele faz sobre aquelas relações, o seu bom comportamento o fazia se sentir mais íntimo, mais amigo do chefe e mais confiante para ajudar o colega em um pedido de transferência de setor. É como se o seu comportamento, que consistia em “ajudar fazer” e “andar honestamente”, diminuísse as diferenças de hierarquia entre ele e a chefia.

A empresa buscou resolver questões que envolviam os trabalhadores criando estratégias assistencialistas, providenciando a criação do Hospital Ferroviário, da cooperativa, da Goiás Atlética, da Escola Profissional, da E.T.E.F (Escola Técnica de Educação Familiar) e da Escola primaria Carmela Dutra, com cursos para formação das filhas, filhos e esposas de ferroviários.

Essas medidas adotadas pela Estrada de Ferro Goiás tinham como objetivo resolver problemas como educação, saúde, alimentação, lazer, além de firmar uma identidade ferroviária para os trabalhadores na empresa.

Ao perguntar para o Sr. Valentino sobre os tipos de assistência que a empresa fornecia, ele disse que “o que eles (a empresa) podiam fazer para a promoção humana, eles faziam.” Muitos deles consideram o assistencialismo promovido pela Goiás como um benefício para eles e suas famílias. De fato, os interesses estavam pra além dos interesses da empresa porque representavam também as aspirações dos ferroviários em ter seus filhos na escola aprendendo uma profissão, em ter auxilio a saúde, alimentação e lazer. Alguns se aproveitavam do benefício de poder comprar

---

<sup>45</sup> Jose Campos Filho. Entrevista realizada em 20/09/2004 em Araguari-MG.

por um preço menor os produtos da cooperativa. O sr Valentino afirma que havia um sistema denominado de “macaco”, conhecido somente entre os funcionários da empresa. Este sistema consistia em comprar produtos na cooperativa e vender por um preço maior. Esta era uma forma de ganhar um dinheiro extra nos momentos de arrocho salarial.

Indagado sobre os significado de ter sido aluno e professor da Escola Profissional o Sr. Arcênio Paranhos Lopes disse que :

*“Ah Luciana... ter ingressado na Escola Profissional... naquela época que eu ingressei não existia assim emprego na cidade... Acho que foi importante porque estudei e aprendi uma profissão numa escola que cujo objetivo era justamente isso, ensinar uma profissão aos jovens”.*<sup>46</sup>

Estudar na Escola Profissional representava o desejo não apenas dos filhos dos ferroviários, mas também dos demais jovens na cidade. O Sr. Arcênio viu na Escola uma forma de aprender uma profissão já que na cidade não havia muitas opções de emprego. Embora não fosse filho de ferroviário, ingressou nela por ter obtido nota muito boa na prova de admissão. Segundo o Sr. Arcênio, ter estudado na Escola Profissional foi “a realização daquele momento, me realizei... depois que... quando eu formei e essa formação ,por exemplo me serviu bastante pra ingressar na ferrovia.”<sup>47</sup>

As aulas eram ministradas pela manhã e pela tarde. De manhã eles aprendiam a teoria e à tarde era a prática, realizada nas oficinas da empresa, como descreve o Sr. Arcênio:

*Na parte da manhã eram as aulas teóricas ou então aulas relacionadas chamavam na época e...era matemática, português ,tecnologia, desenho mecânico e outras mais...história e outras matérias mais né e à tarde nós tínhamos que freqüentar as oficinas. Lá onde nós*

---

<sup>46</sup> Arcênio Paranhos Lopes. Entrevista realizada em 25/06/2007, em Araguari-MG.

<sup>47</sup> Ibidem.

*íamos aprender a profissão é...executando trabalhos numa serie metódica que nós chamamos,o aluno fazia vários trabalhos relativos àquela serie então com isso a gente ia desenvolvendo os conhecimentos da profissão .*<sup>48</sup>

O contato desses alunos com os “valores ferroviários” iniciava-se logo na infância, na escola primária da ferrovia. Após isso, eles ingressavam na Escola Profissional, onde esses valores eram reforçados na prática nas oficinas, convivendo com trabalhadores que exerciam profissões que futuramente eles mesmos exerceriam. A pretensão da empresa era ‘fazer daqueles que ingressavam ainda crianças, no trabalho, “os operários da casa”, ou seja, aprenderiam desde pequenos os valores no trabalho ferroviário.’<sup>49</sup>

Falando sobre o tempo em que foi aluno da Escola Profissional o Sr. Geraldo Leão, que se profissionalizou como torneiro mecânico, conta que:

*A minha profissão foi torneiro ta.Lá tinha torneiro, caldeireiro, marceneiro, fresador ta...e entramos e ficamos na Estrada.Eu por exemplo, quase todos, entramos em vinte, saíram doze devido o vencimento, a gratificação que eles davam pra gente era muito pouco e era apertadíssimo na época também,né .Então formamos em nove, parece que em nove e ficamos.E eu fui um dos primeiros jovens a assumir o cargo aí.E a gente novo, você sabe, a gente recebe um canudinho e cheio de cálculos, desenho, às vezes ia trabalhar...naquela época torno,fresa,nós é que fazíamos os cálculos.Hoje geralmente vem tudo pelo engenheiro né,o engenheiro assim no desenho ,faz os cálculos,dá tudo certinho e a gente chega e...mas era nós que fazia,a gente ia lá...as paredes parecia quadro de colégio,tudo rabiscado de giz,cálculos né e ,era bacana.Tem calculo que oce fazia ele de ordem decrescente pra poder dar o numero certo.E nós naquele*

---

<sup>48</sup> Ibidem.

<sup>49</sup> CALVO,Célia Rocha.**Trabalho e Ferrovia: A Experiência de ser Ferroviário na Companhia Paulista: 1890-1925.**Dissertação de Mestrado.Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.Mimeo,1994.

*entusiasmo e com isso a gente aprendeu bastante, a Estrada lucrou muito com isso sabe*<sup>50</sup>.

O aprendizado que esses trabalhadores recebia era vinculado a maquina. O Sr. Geraldo Leão menciona com satisfação o fato de ele e seus companheiros resolverem grandes cálculos matemáticos na execução do trabalho com as locomotivas. Em sua narrativa, ele vai compondo sua memória fazendo um contraponto com o trabalho dos metalúrgicos atuais que recebem os cálculos feitos pelos engenheiros por meio de computadores.

Isto demonstra como esse narrador valoriza o trabalho realizado com o próprio corpo, sem a ajuda de computadores e engenheiros. Ao mencionar o fato de que “a gratificação que eles davam pra gente era muito pouco e era apertadíssimo”, ele quer mostrar para a pesquisadora que o que eles realizavam na Escola Profissional não era somente pelo dinheiro mas principalmente prazer que ele proporcionava.

Percebi em muitos relatos, a imagem que emerge em suas memórias no que diz respeito ao trabalho com as locomotivas. Muitos deles falam do orgulho que era trabalhar, principalmente com as locomotivas movidas a vapor. O Sr. Emilio Porto, que foi aluno e professor de mecânica da Escola Profissional, nos conta do tempo em que trabalhou com elas na Estrada de Ferro Goiás:

*...Eu sinto muito orgulho na vida de ter sido mecânico e trabalhado com locomotiva porque locomotiva, a minha função na vida foi ensinar mecânica e eu aprendi mecânica, e eu perguntava os meninos que era, que tava nas minhas aulas eu explicava, explicava, depois fazia uma pergunta: \_ “O que é mecânica?” Mecânica, a resposta correta é: mecânica é o estudo do movimento dos corpos e das causas que o provocam. E eu pros meus alunos falava que mecânica era aquilo lá ó, locomotiva a vapor. Movimentando o quê que é? Ela fazia do movimento do pistão que vai e vem em curvilíneo que puxava a locomotiva você vê a transformação do movimento retilíneo em curvilíneo. É a mecânica, é*

---

<sup>50</sup> Geraldo Leão. Entrevista realizada em 12-10-04, em Araguari-MG.



*a locomotiva a vapor, eu chego a sonhar com a locomotiva a vapor de tanto que eu gosto da locomotiva a vapor. Fiquei triste quando começou a chegar a diesel, você não vê o motor, você não vê a mecânica você me entende né? Mecânica você não vê num carro, num automóvel, na locomotiva não, ce vê o movimento de mecânica então é esse o meu tempo de ferroviário.*<sup>51</sup>

Seu trabalho como mecânico da Goiás aparece na imagem que ele carrega sobre a locomotiva, especialmente a locomotiva a vapor. A identificação que ele tem com esse tipo de locomotiva se deve justamente ao fato de ela representar melhor o seu trabalho como mecânico. Podemos perceber essa composição quando ele menciona que ficou triste quando começou a trabalhar com a locomotiva a diesel porque nela “você não vê o motor, você não vê a mecânica... na locomotiva (a vapor) não, ce vê o movimento de mecânica”.

É possível perceber que a locomotiva a vapor emerge em suas lembranças sobre aquele tempo como algo que atribuía um valor maior ao seu trabalho como mecânico já que, segundo ele, ela tinha a sua parte mecânica muito mais exposta do que as locomotivas a diesel e exigia mais da sua função. A partir do momento em que chegaram as locomotivas a diesel é como se a sua função e ele próprio como pessoa tivesse, de certa forma, perdido um pouco da importância naquele espaço.

A partir da década de 1970, as primeiras locomotivas a diesel começaram a circular na Estrada de Ferro Goiás e os funcionários tiveram que fazer cursos para manutenção e operação dessas máquinas. O Sr. Geraldo Leão associa a chegada dessas máquinas e conseqüentemente dos engenheiros que detinham de conhecimentos relacionados a elas, ao começo da decadência da Estrada de Ferro Goiás:

*...em síntese a Estrada era dirigida por nós,ta entendendo. Os mais velhos iam tomando conta, é uma coisa que às vezes não vai pro ar, vai ofender muita gente...Depois começou a chegar os estudado, os engenheiro,*

---

<sup>51</sup> Emílio Porto. Entrevista realizada em 12-12-04, em Araguari-MG.

*o negocio começou a descabar. Até que eles aprendem...uns quer ser visto de coroa sempre, outros quer ser inteligente, fala: \_ “Olha nós vamos chegar junto com eles (os engenheiros) porque eu aprendo né”, mas depois que tirou...porque o camarada fica aí trabalhando, aprendia a profissão. Ia saindo os mais velhos assim e punha aqueles que tornava-se oficiais: \_ “Olha você(o engenheiro)vai ser o encarregado da sessão tal”. Eu conhecia todo o serviço, sabia dirigir. É como uma dona de casa, se ela não saber cozinhar né, não saber limpar uma casa, colocar as coisas no lugar, ela não serve pra ensinar a empregada , não é ? Entao ela chega: \_ “Não, você põe essa mesa aí nesse lugar, aquilo, aquilo outro. Quem oferece a comida é desse jeito assim...”. Assim era aí...A Rede tinha um boletim e americano tava sempre aqui, eles fiscalizava aí, soltava um boletim referente a nós num elogio agradável viu, sobre...vinha eles aí, vinha alguém conosco, ia mostrar a mecânica (das locomotivas a diesel), fazia as pergunta, falava pro Alaor : \_ “Nossa Alaor, não está precisando mais da nossa presença, estão trabalhando muito bem.” Os maquinista se adaptaram logo, coisas nova a gente fica interessado né, e foi o negocio foi...até ir modificando tudo e virando no que não, no que não deu(risos)<sup>52</sup>.*

É perceptível o ressentimento deste narrador em relação ao período em que os engenheiros chegaram para ensinar os conhecimentos relacionados à locomotiva a diesel. Em sua memória, aquele tempo aparece como um marco, um divisor entre o período em que eles, os mais “velhos” e experientes, tinham um papel principal no processo do trabalho realizado na empresa e o período em que passaram a submeter-se aos comandos dos “estudado, os engenheiro”.

Esse sentimento faz com que ele atribua o inicio da decadência da Goiás àquele período. Segundo ele, os mais velhos tinham um conhecimento amplo em relação ao trabalho que era realizado na empresa, ao passo que os engenheiros tinham um conhecimento mais específico para um setor, sendo “engarregado(s) da sessão tal”. Ele atribui a este fato, os problemas futuros enfrentados pela ferrovia.

<sup>52</sup> Geraldo Leão. Entrevista realizada em 12-10-04, em Araguari-MG.

Foi na perspectiva de perceber a importância de se valorizar essas memórias como forma de reconhecimento social, na cidade, vila, mas, sobretudo na história social, enquanto sujeitos e cidadãos que participaram e participam ativamente da história, que fizemos a escolha por dialogar com alguns ferroviários aposentados e suas esposas que ainda vivem ou não naquele espaço. São experiências portadoras de outras histórias e memórias que merecem ser lembradas e explicitar isso foi o intuito da pesquisadora.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A produção de uma pesquisa monográfica é o resultado de muito esforço e abnegação. Percorremos um longo caminho onde enfrentamos muitos dilemas resultantes das reflexões, dos diálogos, da busca por fontes durante a execução do trabalho.

A definição do tema e os aspectos a serem abordados, a escolha das perguntas e das pessoas a serem entrevistadas estão relacionados ao amadurecer da pesquisadora na constante reelaboração das perguntas resultantes dos diálogos com as fontes. Percebi ao longo deste trabalho que quem conduz a pesquisa são as fontes, os sujeitos sociais entrevistados e, a partir daí, nós pesquisadores, somos levados a pensar, a repensar e reelaborar nossos pressupostos.

Assim que realizei as primeiras entrevistas, as respostas dadas pelos entrevistados fizeram com que eu tivesse novos olhares e percebesse que algumas daquelas perguntas já não cabiam mais nos diálogos com as fontes.

Percebi que, para aquelas mulheres esposas de aposentados ferroviários, viver na vila está relacionado ao cotidiano, aos cuidados com os filhos, aos horários determinados pelo ritmo de trabalho do marido, ao passo que para os homens o sentido está ligado às relações de trabalho e hierarquia da empresa.

Na realização dessa pesquisa, o diálogo com fontes orais foi essencial para recompor experiências de conflitos e resistências, o que não se encontraria em fontes escritas. Acredito ser esse o grande compromisso do historiador, isto é, “trazer para a cena histórica agentes sociais antes relegados e valorizar-lhe o saber e a experiência de vida”.<sup>53</sup>

---

<sup>53</sup> SILVA, Marcos A. *História, o Prazer em Ensino e Pesquisa*. São Paulo: Brasiliensis, 1995. P.11.

Assim encerro este trabalho afirmando que foi muito enriquecedor para mim. Valeu a pena não apenas por ser uma conquista pessoal que exigiu forças além do que eu tinha, mas pelo aprendizado adquirido com as pessoas que fizeram parte dele.

## Fontes

### Fontes Orais

**Geraldo Leão** - aluno da primeira turma da Escola Profissional da Ferrovia. Tem 82 anos e aposentou-se como torneiro mecânico. Há alguns anos, ele foi o presidente do que ele mesmo denominou de ‘time de velhos’, isto é, um time formado por ferroviários aposentados para relembrem os campeonatos realizados pela ferrovia. Ele expressou com muito orgulho o fato de ter trabalhado na ferrovia e lamenta pelos ex-colegas de trabalho que não gostam de lembrar daquele tempo. Infelizmente, o Sr. Geraldo faleceu há um ano.

**Arcênio Paranhos Lopes** - tem 79 anos e foi aluno da terceira turma formada pela Escola Profissional. Depois foi convidado para ser professor da mesma. Ele é bastante procurado por estudantes e jornalistas, porque é conhecido na cidade como uma pessoa que tem bastante conhecimento sobre a ferrovia em Araguari e que gosta de falar sobre ela. De fato, eu o entrevistei por duas vezes e pude constatar o carinho que ele sente pela ferrovia. Ele até mencionou que não gosta de ser chamado de ‘ex-ferroviário’, visto que quem foi ferroviário uma vez, nunca deixa de ser, porque é algo que ‘está no sangue’. Ele prefere ser chamado de ferroviário aposentado. Reside atualmente no bairro Goiás, em Araguari.

**Valentino Gomide e Olinda Squissato** - Ambos têm 73 anos e são casados há quase 53 anos. Ele realizou diversas funções dentro da empresa como: servente de pedreiro, auxiliar de serviços gerais, artífice de obras e supervisor de obras. Valentino e sua esposa, hoje são membros ativos da Igreja Católica e se dizem muito requisitados pelos vizinhos, pois são reconhecidos pela prontidão em ajudar o próximo. Residem no Bairro Goiás, em Araguari.

**Emílio Porto** - entrou na Estrada de Ferro Goiás em 1945 como aluno da Escola Profissional, passou a oficial mecânico de locomotiva a vapor e mais tarde

ingressou como professor da Escola. Ele expressou com emoção o orgulho que sente por ter sido mecânico de locomotiva a vapor. A contragosto de seu pai, que queria que ele fosse barbeiro como ele, prestou o concurso na Escola Profissional e passou, permanecendo lá até se aposentar. Atualmente vive no bairro de Fátima, em Araguari.

**Sebastião Cândido Vieira** - tem quase 70 anos e teve seis filhos. Foi telegrafista da ferrovia e se lembra ainda com exatidão do código Morse, que era com o que ele lidava diariamente no seu trabalho. É uma pessoa muito serena e aceitou com prontidão me dar a entrevista. Entrou na empresa em 1948 e aposentou-se em 1980. Hoje ele é membro de uma Igreja Evangélica da cidade e vive no Bairro Goiás, em Araguari.

**José Campos Filho** - é conhecido pelos colegas como 'José Condensa'. Veio de Guaxupé para Araguari com dois anos de idade. Seu pai também foi ferroviário. Entrou na ferrovia em 1952. Sua primeira profissão na empresa foi como servente de pedreiro e depois passou a supervisor auxiliar de eletricista de locomotiva a diesel. Era considerado pelos colegas e diretores como um trabalhador diligente. O Sr. Geraldo Leão, referindo-se a essa qualidade dele, disse que ele pôs na porta de sua sessão a seguinte frase: 'O trabalho é uma oração, não seja ateu'. Hoje ele ainda vive na vila Goiás, com esposa e filhos.

**Alvim Borges** - tem 81 anos e trabalhou 35 anos na ferrovia como encarregado de reparação de vagões. Hoje ele tem um problema auditivo ocasionado pelo martelo a ar porque segundo ele, a empresa não fornecia protetores de ouvido. Hoje em dia, ele pode ser visto andando de bicicleta pelas ruas do bairro Goiás e é conhecido por muitos moradores.

**Guimar Cordeiro de Andrade** - conhecido como "Alemão", nascido na cidade de Araguari em 16/03/1929. Descendente de imigrantes italianos, o Sr Guimar teve seu primeiro contato com a Estrada de Ferro Goiás através da Escola

Profissional quando trabalhou como contínuo em meados do ano de 1942, permanecendo nessa entidade até 1944. Ingressou definitivamente na ferrovia em 4 de julho de 1950 na turma de pedreiro, permanecendo nesta função até 1955, quando foi transferido para as oficinas da linha. Em 1962 foi transferido para locomoção, ficando nessa função até 30 de dezembro de 1977, quando aposentou, por tempo de serviço, no cargo de metalúrgico. Sr Guimar é casado e pai de dois filhos. Atualmente desenvolve alguns trabalhos manuais em metal e madeira e participa de atividades na Igreja Católica estando sempre na companhia de ex-colegas de trabalho. Foram feitas duas entrevistas com o Sr Guimar Cordeiro de Andrade, mas ao longo da estruturação deste trabalho os esclarecimentos dele foram de fundamental importância. Entrevistas realizadas por Guimar Cordeiro de Andrade Jr. em 28/09/2005 e 20/10/2005, Araguari, MG

**Pedro Leopoldo** – nascido em Araguari no ano de 1932, casado, pai de três filhos. Fez os estudos regulares na Escola Raul Soares e ingressou, como aprendiz de torneiro na Escola Profissional da Estrada de Ferro Goiás em 1949, sendo admitido como funcionário na empresa no ano de 1953. Trabalhou na locomoção durante sete anos, período no qual ganhou uma casa na Vila Goiás. Foi transferido para o setor de tráfego, permanecendo nesta função até o ano de 1963, e depois voltou para a locomoção no cargo de chefe de setor aposentando-se por tempo de serviço em 1979. Foi presidente da Associação do Bairro Goiás durante dois mandatos, mora na mesma casa que ganhou da empresa e participa de atividades ligadas a Igreja Católica. Este entrevistado foi indicado e localizado pelo Sr Paulo Santos. Entrevista realizada por Guimar Cordeiro A. Jr. em 19/09/2005, Araguari, MG.

**Sebastião Reis** – nascido no distrito de Amanhece em 27/03/1933, veio para Araguari com a família em 1940 quando seu pai arrumou um emprego na Goiás como turmeiro. Até os dezoito anos o Sr Sebastião trabalhou em lavouras de café na região. Em 1951 seu pai, através de um amigo que trabalhava no escritório da



ferrovia, arrumou um emprego de caldeireiro nas oficinas da linha. Trabalhou nessa função até aposentar-se em janeiro de 1979. O Sr Sebastião foi localizado pelo Sr Guimar. Mora atualmente com sua família em um sítio no distrito do Amanhece no qual desenvolve algumas atividades agropecuárias. Entrevista realizada por Guimar Cordeiro Jr. em sua residência no Distrito de Amanhece em 10/09/2005.

**Paulo Santos** - nasceu na fazenda Boa Esperança, próxima à cidade de Araguari, em 07/11/1940. Trabalhou desde pequeno em lavouras de cana de açúcar com sua família. No ano de 1955, devido a problemas de saúde de seu pai, sua família mudou-se para Araguari. Trabalhou por empreito até entrar para a ferrovia em 1958 ocupando um cargo no setor do tráfego. Em 1963 foi transferido para locomoção e foi morar numa das casas da empresa. Devido a desavenças com colegas de trabalho foi transferido, por um período de três anos, para a cidade de Goiandira, GO. Mesmo estando em outra cidade sua família continuou morando na casa da Vila Goiás. Aposentou-se em 1980 e desde então trabalha com restauração de livros e objetos antigos. Possui um grande acervo referente à Estrada de Ferro Goiás. Este entrevistado foi indicado e localizado pelo Sr Guimar. Entrevista realizada por Guimar Cordeiro Jr. em 15/09/2005, Araguari, MG.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE JUNIOR, Guimar Cordeiro. **Cidade e Patrimônio: o direito à memória e à cidadania cultural**. Araguari /MG-2001. Monografia (bacharelado e licenciatura). Universidade Federal de Uberlândia, 2007.
- CALVO, Célia Rocha. **Muitas memórias, outras histórias de uma cidade. Lembranças e experiências de viveres urbanos em Uberlândia** In: Muitas Memórias, Outras Histórias. Editora Olhos d'água, 2004.
- \_\_\_\_\_. **Trabalho e Ferrovia: A Experiência de ser Ferroviário na Companhia Paulista: 1890 – 1925**. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Mimeo, 1994
- FENELON, Déa Ribeiro. **O Historiador e a Cultura Popular: história de classe ou História do povo**. In: Revista História e Perspectivas, nº 6, 1992, p13.
- \_\_\_\_\_. **Políticas Culturais e Patrimônio Histórico**. In: O Direito à Memória: patrimônio histórico e cidadania. Departamento do Patrimônio Histórico. São Paulo: DPH, 1992
- FENELON, Déa Ribeiro, CRUZ, Heloisa Faria, PEIXOTO, Maria do Rosário Cunha. **Introdução** \_Muitas Histórias, Outras Memórias. Editora Olhos d'água, 2004
- FRANÇA, Junia Lessa. Et al. **Manual Para Normatização**. Belo Horizonte: UFMG, 1996.
- KHOURY, Yara Aun. **Muitas Memórias, Outras Histórias: cultura e o sujeito na história**. In: FENELON, Déa, et. ali. (orgs.). Muitas Memórias, Outras Histórias. São Paulo: Olho d'água, 2004. p.131.
- PAOLI, Maria Célia. **Memória História e Cidadania: O Direito ao Passado**. In: O Direito à Memória: patrimônio histórico e cidadania. São Paulo, 1992.

PORTELLI, Alessandro. **O momento da minha vida:** funções do tempo na história oral. In: *Muitas Memórias ,Outras Historias*. Editora Olhos d'água,2004.

\_\_\_\_\_. **As Fronteiras da Memória:** o massacre das fossas ardeatinas. História, mitos, rituais e símbolos. In: *Revista História e Perspectiva* (25/26), 2002, Edufu, Universidade Federal de Uberlândia.

\_\_\_\_\_. **O que faz a história oral diferente.** In: *Revista Projeto História*, nº 14 fev./97.

\_\_\_\_\_. **Tentando Aprender um Pouquinho.** Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. In: *Revista Projeto História*, nº 15 abr./97.

SILVA, Marcos A. **História, o Prazer em Ensino e Pesquisa.** São Paulo: Brasiliensis, 1995.